EDITORIAL

«O pequeno deus do mundo continua a ser da mesma têmpera e bizarro como no primeiro dia. Penso que ele viveria mais convenientemente se tu não lhe houvesses impressionado o cérebro com um raio da luz celeste. Ele chama a isso razão, e só a usa para se governar mais irracionalmente do que os irracionais».

(J. W. Goethe – Fausto)

Não encabeço este editorial com uma passagem do "Fausto" de Goethe para dissertar sobre a obra ou o seu autor. Deixo a quem sabe mais que eu essa missão. O que me fez citar esta passagem do "Fausto" de Goethe, colocada na boca de Mefistófeles, é o que todos os dias se ouve quando alguém se quer referir ao desvario do mundo, embora usando palavras diferentes.

Esta visão catastrofista é de todos os tempos, de todos os povos e de todos os homens. Em cada época e em cada lugar do mundo, infelizmente, há sempre motivos para este pessimismo. Digamos que se trata de um exagero, mas deve ser visto sobretudo como uma atitude crítica sobre o que se passa à volta de cada um de nós, isto é, no mundo em que vivemos. E só o homem tem essa atitude crítica porque pensa, porque tem ideias para além da perceção do mundo material em que vive. E, se essa caraterística o torna "o pequeno deus do mundo" também faz dele o ser mais infeliz de todos os outros seres.

A verdade é que não há sociedades perfeitas, embora as diversas ideologias que o homem vai concebendo as prognostiquem. Cabem perfeitamente dentro da lógica do sistema filosófico em que se inserem. Acontece, porém, que quem concebe as ideologias nunca é quem as interpreta e as põe em prática. Os que as concebem são os ideólogos, usam as ideias, constroem um mundo ideal em que tudo está em harmonia. Quem as interpreta e as põe em prática está em contacto com o mundo real. E essa circunstância estimula o egoísmo que é o seu gene dominante.

É por isso que a harmonia com que todos os modelos de sociedades começam resvalam sempre para uma desarmonia que, mais tarde ou mais cedo, provoca o seu desmoronamento. E, quando isso acontece, a culpada é sempre a ideologia em vigor e não os desvios que sofreu na prática por interesses dos seus intérpretes. A solução encontrada é quase sempre a sua substituição por outra muitas vezes de sinal contrário que, tempos depois, vai ter o mesmo fim. É o círculo vicioso a que podemos reduzir a história da humanidade.

(continuação na página 3)

Sumário

1 - Editorial
- Dr. António Amorim

4 - Relatório de Atividades do ano 2019
- Dr. António Amorim

8 - SCMVC presente no XIII Congresso Nacional das Misericórdias
- Dr. Tiago Cardoso

9 - Falecimento de uma benemérita
- Dr. António Amorim

10 - 30 ANOS DO LAR DE TERCEIRA IDADE
- 1 de Junho 2019
- Dr.ª Vera Santos
- Lar de Terceira Idade - Qualidade de Vida
- Fátima Fernandes, Álea Fernandes, Dulce Fernandes, Cristina Fernandes
- Lar de Terceira Idade - Serviço de Psicogerontologia
- Dr.ª Maria Sameiro Maio

16 - Hotel Brazão reabre ao público com novo *look*
- Eng. Rui Maia

18 - CULTO RELIGIOSO
- Senhor dos Passos percorreu novamente as ruas de Vila do Conde
- Dr. Miguel Amorim
Teatro Municipal e Espaço Vita recebem Via Sacra ao Vivo
- Dr. Sérgio Pinto

20 - QUALIDADE, AMBIENTE E SEGURANÇA
- QAS+, os desafios...
- Dr.ª Odete Cunha

22 - UNIDADE DE SAÚDE - SERVIÇO DE DERMATOLOGIA
- Aproveite o verão, mas com moderação!
- Dr.ª Ana Cristina Nogueira

24 - DESPORTO
- Equipa de Parahóquei da Misericórdia de Vila do Conde vitoriosa em Valpaços
- Uma Aventura Desportiva em Viana do Castelo
- Prof. Pedro Silva

26 - DO ARQUIVO
- Capela de André Afonso Folgueira e Mécia Folgueira
- Dr.ª Liliana Aires

31 - CIMMVC
- Memórias em exposição - 1º semestre 2019
- Dr.ª Liliana Aires

32 - PROSAS BÁRBARAS
- " Uma Novidade Extravagante e Burlesca" (1.ª fase da vida literária de Eça de Queirós)
- Prof.ª Maria da Conceição Nogueira

48 - ATIVIDADES DOS EQUIPAMENTOS SOCIAIS
- Lar de Terceira Idade
- Centro de Apoio e Reabilitação para Pessoas com Deficiência em Touguinha
- Casa da Criança
- Centro Social em Macieira
- Centro Rainha Dona Leonor
- Centro de Reabilitação Prof. Doutor Jorge de Azevedo Maia

REVISTA SEMESTRAL

ANO XXV - Nº 49

JUNHO/2019

Capa:
Escultor SOUSA PEREIRA

Propriedade:
SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE VILA DO CONDE

Diretor:
ANTÓNIO AUGUSTO GOMES AMORIM

Direção e Administração:
Rua Rainha Dona Leonor, 123
4480-247 VILA DO CONDE

Execução gráfica:
NORPRINT
A Casa do Livro

Tiragem : 1100 exemplares

EDITORIAL

(continuação da página 1)

Não faltam motivos também hoje para se recear que o mundo entre em convulsão. Ele já está mesmo em convulsão. As migrações de povos, o crescimento da economia para além das necessidades humanas, a concentração da riqueza em apenas algumas pessoas e alguns países, a poluição do ambiente, as mudanças climatéricas, o terrorismo, o conflito latente entre as potências com armas nucleares não preocupam ninguém? A mim preocupa.

António Amorim

Relatório de Atividades do ano 2019

Tem este Relatório, aprovado pela Assembleia-Geral da SCMVC em 4 de Março de 2019, como objetivo dar conta das atividades em geral desenvolvidas pela Instituição ao longo do ano 2018, bem como, em particular, *«o desempenho dos diversos equipamentos/serviços»* que ela tem em funcionamento.

Segundo as palavras do Provedor, constantes na mensagem que servem de prólogo a este Relatório, *«durante o ano 2018 procurou-se consolidar o crescimento da Instituição, tornando-a operacionalmente menos deficitária nas respostas sociais que presta à comunidade, exigindo sempre que possível maior rigor na sua gestão, rentabilizando melhor os seus recursos, nomeadamente na aquisição dos bens, na economia de gastos e no melhor aproveitamento dos recursos humanos»*.

Visto que cada equipamento e serviço fez também o seu Relatório de Atividades, de cada um deles extraímos o que nos pareceu de maior interesse para os leitores desta Revista.

1 – Centro Interpretativo de Memórias da Misericórdia

Foi inaugurado no dia 13 de julho de 2018 com a presença ao ato da Presidente da Câmara Municipal de Vila do Conde, Dr.ª Elisa Ferraz, ao qual presidiu, e do Senhor Arcebispo Primaz de Braga, D. Jorge Ortiga, que procedeu à bênção deste Centro cultural. A partir desta data, passou a funcionar este Centro como montra do espólio patrimonial da Instituição e como órgão dinamizador de atividades culturais.

Integrado nesta unidade está também o valioso Arquivo Histórico da Instituição que tem sido *«reconhecido e recomendado pela comunidade científica ligada à História, bem como por genealogistas que nele procuram dados que lhes permitem consolidar os seus estudos»*.

Desde a sua inauguração até ao fim do ano estiveram patentes ao público duas exposições temporárias: «Os Beneméritos» e «Memória de um Nascimento» às quais já nos referimos no número anterior desta Revista.

2 – Serviços Sociais

2.1 – *Lar da Terceira Idade*

Este Centro tem protocolo com o Centro Distrital do Porto e nele foram dadas em 2018 as seguintes respostas sociais:

- Lar de Idosos com resposta para 104 utentes;
- Lar de Grandes Dependentes com resposta para 53 utentes;
- Centro de Dia com resposta para 41 utentes;
- Serviço da Apoio Domiciliário com resposta para 60 utentes.

Funcionou, durante o ano 2018, com ocupação plena da sua capacidade.

2.2 – *Centro de Apoio e Reabilitação para Pessoas com Deficiência*

Funcionou também quase em pleno com as habituais respostas sociais:

- Lar Residencial: 97 utentes protocolados com capacidade de 97;
- Centro de Atividades Ocupacionais: 115 utentes com capacidade para 120;
- Serviço de Apoio Domiciliário: 20 utentes com capacidade para 30.

2.3 – *Centro Social em Macieira*

Possui este Centro protocolo de cooperação com a Segurança Social nas seguintes áreas:

- Área da Infância: Creche com capacidade para 35 utentes; jardim-de-Infância com capacidade para 64 utentes; e Centro de Atividades de Tempos Livres com capacidade para 55 utentes.
- Área da Terceira Idade: Serviço de Apoio Domiciliário com capacidade para 15 utentes.

No ano 2018, verificou-se, à semelhança do que vinha já a suceder nos 2 anos anteriores, um aumento da frequência de crianças na resposta social de Creche e uma diminuição nas outras duas respostas sociais.

2.4 – *Casa da Criança*

Durante o ano 2018, a Casa da Criança deu resposta a 187 crianças: 88 em CATL, 47 em Creche e 52 em Jardim-de-Infância.

Tem-se verificado, nos últimos anos, ligeira diminuição na frequência das crianças, principalmente nos Centros de Acolhimento e Jardim-de-Infância.

Em Regime de Acolhimento beneficiaram 46 crianças: 8, dos 0 aos 6 anos; 16, dos 7 aos 12 anos; e 22, dos 13 aos 18 anos.

No ano letivo 2017/2018, a Casa da Criança deu também resposta a 18 crianças e jovens com necessidades educativas especiais por revelarem um grau de desenvolvimento cognitivo inferior à idade. Também neste ano letivo se iniciou um novo Projeto Educativo para as respostas sociais de Creche, Jardim-de-Infância e CATL com o tema «Natureza, uma Amiga a Preservar». Foi este projeto desenvolvido através dos Projetos Curriculares e Planos de Sala, *«sendo executadas atividades promovidas pelo Centro, com recurso a parcerias estabelecidas com a Comunidade»*. Ainda, neste ano letivo, a Casa da Criança se esforçou com sucesso em *«realizar a passagem para o novo referencial EQUASS Assurance 2018»*.

2.5 – *Centro Rainha Dona Leonor*

Durante o ano 2018, o Centro Rainha Dona Leonor registou um total de 80 residentes. Pretende este Centro, e foi para isso que foi criado, *«proporcionar qualidade de vida e envelhecimento ativo a todas as pessoas com mais de 65 anos que pretendam uma vida tranquila, com afeto, cuidados básicos, apoio moral e espiritual»*.

Ao longo do ano, foram-lhes prestados os seguintes serviços: Assistência médica de clínica geral, cuidados de enfermagem, limpeza, manutenção dos apartamentos, serviço de refeições, cuidados de conforto e higiene, serviço de lavandaria e rouparia, atividades lúdicas, assistência espiritual e religiosa, apoio psicológico e serviço de nutrição, além de muitos outros.

2.6 – *Centro de Reabilitação Prof. Doutor Jorge de Azevedo Maia*

Este Centro oferece duas respostas sociais com protocolo com a Segurança Social: Lar residencial para 22 utentes e Centro de Atividades Ocupacionais (CAO) para 27 utentes.

Durante o ano 2018, os utentes tiveram a seguinte caraterização:

a – Por género:

- Lar Residencial – 58% do sexo masculino e 42% do sexo feminino;
- CAO – 59% do sexo masculino e 41% do sexo feminino;

b – Por faixa etária:

- Lar Residencial – 17 aos 24 anos, 25%; 25 aos 34 anos, 21%; 35 aos 44 anos, 4%; 45 aos 54 anos, 8%; e 55 ou mais, 42%.
- CAO – 17 aos 24 anos, 30%; 25 aos 34 anos, 19%; 35 aos 44 anos, 7%; 45 aos 54 anos, 7%; e 55 aos 66 anos, 37%.

2.7 – *Empresa de Inserção – Quinta Galante*

Durante o ano 2018, esta empresa de Inserção Agrícola continuou a cumprir o seu objetivo de reinserção profissional de pessoas desempregadas em situação de desfavorecimento face ao mercado de trabalho e de produção de bens alimentares destinados a serem utilizados nas refeições confecionadas nos equipamentos da Misericórdia. A área cultivada foi a mesma do ano anterior (120 000 m2 de lavradio e pinhal, com 4 100 m2 de área de estufas) e o trabalho desenvolvido por 6 colaboradores – mais um que no ano anterior.

A produção hortícola e de fruticultura, em 2018, ultrapassou as 60 toneladas, tendo-se destacado as seguintes variedades: batatas, cebolas, alho francês, abóbora, tomate fresco, na-

bos, couve-flor, alface, couve-penca, bróculos, couve-coração, feijão verde, pepino, espinafres, pimento, curgetes, laranjas, ameixas e limões.

A fim de dar resposta às novas exigências de limpeza de florestas e de facilitar a manobra e o carregamento/descarga de cargas pesadas, foi adquirido, em 2018, um carregador frontal com um sistema de paletes.

2.8 – *Casa das Rosas*

A Casa das Rosas dá duas respostas sociais: Centro de Alojamento e Emergência social e Cantina Social.

Em 2018, foram abertos 34 processos, dos quais 21 foram sinalizados pela Segurança Social (Alojamento Temporário) e 24 pela Linha de Emergência Social; destes, 13 transitaram para alojamento temporário.

Transitaram ainda 18 processos do ano 2017 para o ano 2018. Esses processos corresponderam a 24 utentes, sendo 13 isolados, 1 casal, 1 casal com 1 filho, 2 famílias monoparentais do género feminino e 1 família do género masculino.

A maioria dos processos abertos em 2018 são de utentes sem rendimentos, sendo de realçar o elevado número de refugiados: foram abertos 9 processos correspondentes a uma população de 12 refugiados.

Aos 34 processos abertos em 2018 correspondem: 23 processos isolados e 11 relativos a famílias, sendo 6 dessas famílias casais, 4 famílias monoparentais do género feminino e 1 processo de irmãos.

A maior incidência de utentes situa-se nos grupos etários em idade ativa, sem emprego e com baixa escolaridade.

2.9 – *Rendimento Social de Inserção*

O Rendimento Social de Inserção (RSI) é um apoio destinado a proteger as pessoas que se encontrem em situação de pobreza extrema sendo constituído esse apoio por:

- Uma prestação pecuniária para assegurar a satisfação das suas necessidades mínimas;

- E um programa de inserção que integra um contrato que prevê «*um conjunto de ações estabelecidas de acordo com as caraterísticas e condições do agregado familiar do requerente da prestação, visando uma progressiva inserção social, laboral e comunitária dos seus membros*».

No ano 2018 foram subscritos 329 contratos de inserção com 264 ações concluídas e 56 autonomizações.

2.10 – *Serviço de Atendimento e Acompanhamento Social (SAAS)*

«*A Rede Local de Intervenção Social (RLIS) da Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde, no ano 2018, através do SAAS, encetou esforços permanentes no sentido de apoiar pessoas em situação de vulnerabilidade social, de prevenir a reprodução da pobreza e exclusão social e de diminuir as assimetrias sociais. Para o efeito fomentou e valorizou as competências familiares dos agregados que apoiou, bem como recorreu às competências técnicas e conhecimentos empíricos da sua equipa multidisciplinar, aos serviços prestados por Instituições Particulares de Solidariedade, Associações, projetos diversos e Poder Local*».

No ano 2018, houve processos familiares em atendimento e/ou em acompanhamento de todas as freguesias do concelho de Vila do Conde com exceção de Parada que não registou nenhum, destacando-se a sede do concelho com 535 processos.

2.11 – *Programa de Emergência Alimentar*

Em 2018, foram fornecidas 43696 refeições, distribuídas pelos Protocolos de Cooperação: 18249 pelo Protocolo "Sede" e 25447 pelo Protocolo "Casa das Rosas".

2.12 – *Projeto "Partilhar"*

Durante o ano 2018, a SCMVC manteve a sua colaboração neste projeto promovido pela Rede Social Concelhia que, entretanto, foi substituído parcialmente pelo Programa Operacional de Apoio às Pessoas mais Carenciadas

(POAPMC). Em virtude disso, no âmbito do projeto "Partilhar", apenas foram entregues 47 cabazes constituídos por bens alimentares exclusivamente adquiridos pela Instituição.

2.13 – *Programa de Apoio às Pessoas mais Carenciadas*

Este programa, iniciado no último trimestre de 2017, tem como Entidade Coordenadora e Mediadora a SCMVC. É um instrumento de apoio a agregados familiares em situação de fragilidade económica proporcionando-lhes apoio alimentar e outras «*medidas de acompanhamento que capacitem as pessoas mais carenciadas a vários níveis, promovendo a sua inclusão*». A área geográfica deste programa é o concelho de Vila do Conde, sendo 457 os destinatários finais abrangidos. Apesar dessa limitação, todos os meses do ano 2018 foram apoiados mais do que o estipulado, perfazendo um total anual de 5856.

Todos os agregados familiares que beneficiaram deste apoio foram referenciados pela Equipa da Rede Local de Inserção Social (RLIS) e pelas Equipas de Protocolo de Rendimento Social de Inserção da SCMVC e da Associação "O Tecto".

2.14 – *Tratamento de Roupa a Pessoas carenciadas*

A fim de promover o asseio e auto-estima dos seus beneficiários, a SCMVC, durante o ano 2018, manteve este serviço, sendo beneficiadas 18 pessoas uma vez por semana, à Sexta-feira.

2.15 – *Programa "Incorpora"*

A SCMVC assinou, em 12 de julho de 2018, um protocolo com a Fundação "La Caixa" no âmbito do programa Incorpora ao qual já nos referimos no número anterior desta Revista.

Iniciado o seu funcionamento em outubro de 2018, desde essa data até 31 de Dezembro, atendeu 101 pessoas numa situação de risco ou exclusão social. De salientar que 5 dessas pessoas foram integradas no mercado de trabalho, sendo apenas uma em regime de Part-Time, e que a SCMVC foi a entidade que realizou mais inserções durante esse período no Núcleo do Porto.

3 – Serviços de Saúde

Durante o ano 2018, a SCMVC manteve em funcionamento os seguintes serviços de saúde:

- Clínica de Medicina Física e de Reabilitação
- Imagiologia Médica
- Laboratório de Análises Clínicas
- Atendimento Permanente
- Consulta Externa
- Medicina Interna
- Cirurgia
- Unidades de Cuidados Continuados Integrados – A Unidade de Média Duração e Reabilitação teve uma ocupação média anual de 97,85% e a Unidade de Longa Duração e Manutenção uma ocupação média anual de 99,39%.

4 – Departamentos de Apoio

- Contabilidade
- Recursos humanos e formação
- Jurídico
- Aprovisionamento
- Farmacêutico
- Informática
- Comunicação e Marketing
- Qualidade, Ambiente e Segurança
- Nutrição e Alimentação

5 – Outros Serviços

- Salão de Chá I
- Salão de Chá II
- Hotel Brazão – Durante o ano 2018 teve uma ocupação média de 68%, sendo os hóspedes de vários países com destaque para: Portugal (43,8%), Espanha (12,71%), Alemanha (11,36%), França (5,63%), EUA (2,74%) e Brasil (2,74%).

António Amorim

SCMVC presente no XIII Congresso Nacional das Misericórdias

Entre os dias 7 e 10 de Fevereiro de 2019, decorreu em Albufeira o XIII Congresso Nacional das Misericórdias, subordinado ao tema "Rigor, Compromisso e Missão", com cerca de 700 congressistas.

A Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde fez-se representar, de modo a inteirar-se dos novos desafios económicos e políticos que os tempos atuais demandam das Instituições Particulares de Solidariedade Social e, mais concretamente, das Misericórdias.

O Sr. Dr. Manuel de Lemos, Presidente da União das Misericórdias Portuguesas, no discurso de abertura, deu o mote ao considerar que só por demagogia "o papel do setor social, em geral, e das Misericórdias, em especial, seja outro que não o de cooperar com o Estado" mais realçando que "as Misericórdias nem são concorrenciais com o Estado, nem o setor social é um ramo do setor privado".

Ao longo destes três dias, as Misericórdias Portuguesas reafirmaram mais uma vez a sua forte determinação de permanecerem unidas à volta da sua União, que consideram peça fundamental e estruturante para a defesa dos seus valores e cumprimento da sua missão e registaram de forma positiva a reafirmação do governo, através da palavra do Dr. José António da Fonseca Vieira da Silva, Ministro do Trabalho, da Solidariedade e da Segurança Social, dirigida ao Congresso, de que as Misericórdias têm uma natureza distinta do Setor Público e do Setor Privado e não são concorrenciais com o Estado.

Em tempos de conjuntura política adversa para a valorização do papel das Misericórdias, estas palavras mereceram unânime aplauso de todos os presentes.

Realce-se a presença como oradores nos diversos painéis de insignes representantes das mais diversas áreas sociais, politicas e da saúde, com especial enfoque para a oração de sapiência do atual Ministro do Trabalho, da Solidariedade e da Segurança Social e a sessão de encerramento que foi presidida pelo Exmo. Sr. Presidente da República Professor Doutor Marcelo Rebelo de Sousa que valorizou o trabalho do setor social para a democracia, considerando o papel das Misericórdias insubstituível.

Tiago Cardoso

Sessão de encerramento do XIII Congresso Nacional das Misericórdias: Presidente da República, Mercelo Rebelo de Sousa no uso da palavra. Foto: UMP

Falecimento de uma benemérita

No passado dia 2 de abril, faleceu D.ª Maria Laura de Azevedo Maia Luizello, filha de D.ª Berta Laura de Azevedo Maia Luizello e do Dr. Pedro Maia Luizello, já falecidos.

Utente do Lar de Idosos da SCMVC desde 1 de fevereiro de 1998, a Laurinha, nome pelo qual era carinhosamente tratada, veio para o Lar juntamente com sua mãe, D.ª Berta Laura Azevedo Maia Luizello e com sua tia, D.ª Maria Emília de Azevedo Maia Luizello, partilhando as três o mesmo quarto de dormir e usufruindo de uma sala de estar privada.

As três foram grandes beneméritas, tendo doado o seu património à Instituição, incluindo o edifício onde hoje se encontra o Centro de Reabilitação Prof. Doutor Jorge Azevedo Maia. O nome por que este é conhecido é uma homenagem ao avô da Laurinha.

Ela era muito cuidadosa da sua aparência física e, por isso, gostava que a maquilhassem e apreciava os elogios que lhe faziam. Gostava também de fazer palavras cruzadas, croché, tocar órgão e jogar ao bingo. Empenhava-se muito nas sessões de treino cognitivo. Durante muitos anos tocou o órgão da Igreja da Misericórdia e fez parte do coro da Instituição. Gostava ainda de tomar o pequeno-almoço e o lanche no Salão de Chá I. Passear e ir às compras com a colaboradora Piedade Amorim era para ela uma alegria.

A Revista Santa Casa, da qual a Laurinha era leitora assídua, expressa o seu pesar pelo falecimento desta benemérita da SCMVC e apresenta sentidas condolências aos seus familiares.

António Amorim

D.ª Maria Laura de Azevedo Maia Luizello na inauguração do Centro Prof. Doutor Jorge Azevedo Maia, em Fajozes

30 ANOS DO LAR DE TERCEIRA IDADE

1 de Junho 2019

«Deus quer, o homem sonha, a obra nasce»

Considerada na altura "a maior Obra Social do Século", em 1986 o Jornal Voz do Ave noticiou o *"início das obras de terraplanagem para a construção do «Lar de Terceira Idade da Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde». Obra há muito desejada…Muitos vila-condenses que de momento se encontram em desconfortáveis condições de isolamento e de amparo esperavam há muito esta notícia…"*.

Como referiu o geriatra Prof. Ciucca na altura, *"a obra de Vila do Conde será como Fátima – toda a gente a irá procurar!"*.

Em 1989, o sonho ganhou forma e nasceu o Lar de Terceira Idade, pelas mãos *"de quem tão desinteressada e cristãmente procura servir dentro do espírito da Santa Casa de Misericórdia"* (in Jornal Voz do Ave, 1986).

A 1 de junho deste ano, o Lar de Terceira Idade comemorou o seu 30º Aniversário e as comemorações tiveram início com uma Celebração Eucarística. A Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde congregou, à Volta da Mesa da Palavra e da Eucaristia, em ação de graças, os seus Órgãos Sociais, Irmãos, Beneméritos, Utentes, Familiares, Colaboradores e Amigos, para comemorarem os 30 anos de existência deste Lar de Terceira Idade. Para este momento, procurámos recordar e convidar todos aqueles que direta e indiretamente estiveram e estão próximos deste Equipamento Social desde os seus primórdios. A eucaristia foi presidida pelo Reverendíssimo Padre José Gonçalves que agraciou o momento com as suas palavras. Contou com um coro composto por colaboradores do Centro e com a participação ativa de utentes e colaboradores em diversos momentos. No momento do ofertório, procurámos oferecer a nossa gratidão e a nossa promessa de continuidade, fazendo uma alusão às flores e ao seu crescimento. O sorriso, a paz e o amor, que hoje recebemos das pessoas para quem trabalhamos e nos dedicamos são o resultado de um cuidado humanizado, cujas raízes firmes contribuíram para a edificação deste Lar, tal como uma flor num vaso que foi regada, adubada e ganhou raízes fortes e trouxe sorriso, paz e amor a quem a colheu. No final da eucaristia, enaltecemos de forma simbólica o trabalho levado a cabo pelo Sr. Provedor e por todos quantos edificaram esta obra. A oferta ao Sr. Provedor de uma Sagrada Família simboliza para além da sua família biológica, esta grande família que o Sr. Provedor criou, cuidou e continua a cuidar e a quem continuamente estende os seus braços e o seu coração sempre que deles necessitam.

A Eucaristia foi presidida pelo Reverendíssimo Padre José Gonçalves...

...e assistida por Órgãos Sociais, Irmãos, Beneméritos, Utentes, Familiares, Colaboradores e Amigos da Instituição

Terminada esta celebração, foi oferecido um almoço festivo a todos os utentes e convidados presentes e foram sopradas as velas em comemoração deste 30º Aniversário.

Rev. Padre José Gonçalves, Eng. Arlindo Maia e Dr.ª Elisa Ferraz partem o bolo de aniversário do Lar

Alguns dos convidados presentes proferiram algumas palavras alusivas à comemoração, recordando pessoas e experiências passadas. Escutar aqueles convidados faz-nos perceber o que a 31 de julho de 1996, o Jornal "O Comércio do Porto" referia: *"A Instituição apoia-se num grupo de pessoas cujo dinamismo, voluntariado e humanismo lhe tem dado ação, prestígio e credibilidade suficientes para que a comunidade nela deposite toda a sua confiança"*.

Volvidos 30 anos, nunca é de mais agradecer:

- Ao Sr Provedor, pelo facto de ter transformado o seu sonho numa obra que ganhou vida e uma nova forma de amor ao próximo. Há trinta anos atrás, um jornal da época procurou traçar o *"Perfil de um Gigante"*. Esse *"Gigante"* era o Sr. Provedor. O autor acrescentava que *"também podemos considerar gigante aquele que não o é em estatura, mas que revela sê-lo nos atos que pratica. Está neste caso o Eng. Arlindo Maia que, sendo embora de estatura média, tem demonstrado ser um grande homem, em caráter e em trabalho. A sua independência económica como empresário da construção civil, conseguiu-a à custa de muito esforço, elevada dose de espírito de sacrifício e de dignidade." "…foi ele o grande impulsionador da construção do Lar de Idosos e de todo um complexo que faz deste a obra social do século da sua terra. À obra se entregou com apaixonada devoção, sem outro objetivo que não fosse servir os mais carenciados."* Obrigado Sr. Provedor pelo seu enorme coração capaz de amar não só a sua família, como também o próximo e a própria vida, pois somente quem serve amando poderá compreender a força da concretização dos sonhos.

- Aos Órgãos Sociais e a todos aqueles que acompanharam o Sr. Provedor no cumprimento desta nobre missão – ajudar o próximo;

- À Sr.ª D.ª Laura Maia por todo o carinho, apoio e afeto que nos tem dedicado ao longo destes 30 anos;

- A todos os utentes e familiares por nos permitirem fazer parte da sua história de vida e juntos trabalharmos em prol desta família;

- A todos os amigos, beneméritos e parceiros por caminharem ao nosso lado. Só com o apoio e união de todos é que conseguimos concretizar esta obra que nos acolhe de braços abertos;

- Aos nossos colaboradores por colocarem as suas mãos, os seus ouvidos, o seu coração ao serviço dos que mais necessitam e serem capazes de amenizar o sofrimento e proporcionar o conforto necessário nesta nova etapa do desenvolvimento da vida humana;

Parabéns a este Equipamento Social - Lar de Terceira Idade, que nos tem demonstrado que o seu sonho é *"rosa-dos-ventos, Infante, caravela quinhentista, que é cabo da Boa Esperança"*, capaz de nos transportar para um porto seguro de humanidade.

Vera Santos

LAR DE TERCEIRA IDADE - QUALIDADE DE VIDA

A associação entre o envelhecimento e qualidade de vida tem vindo a assumir grande importância nas sociedades atuais e especificamente na portuguesa, sendo uma das maiores preocupações familiares.

Este conceito, qualidade de vida, está cada vez mais relacionado com práticas cuidadosamente orientadas por técnicos especializados, como exercício físico, atividades de lazer, treino cognitivo, atividades espirituais, música e jogos, proporcionando a integração social, capacidade funcional e intelectual, combatendo o isolamento e a apatia. Estas práticas, associadas a cuidados de saúde, proporcionam um envelhecer mais harmonioso num ambiente de qualidade e permitem ao idoso consciencializar-se de que é uma pessoa humana com potencialidades de desenvolvimento e validado socialmente.

Enquanto família, constatamos que a aplicação destas atividades no Lar da Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde proporciona aos seus utentes uma melhor qualidade de vida graças à competência dos seus técnicos, quer do ponto de vista afetivo, dando de si carinho e afeto, quer do ponto de vista técnico, aplicando os seus conhecimentos de forma exemplar.

É com agrado que verificamos, diariamente, que o nosso familiar, ao usufruir destes cuidados, tem vindo a manter e até a melhorar significativamente o seu bem-estar. Desta forma, não podemos deixar de estar gratos à Santa Casa por nos ajudar a cuidar de forma tão competente e carinhosa de alguém que nos é tão querido.

As filhas da utente:
Sr.ª Maria Conceição Fernandes

Fátima Fernandes
Álea Fernandes
Dulce Fernandes
Cristina Fernandes

LAR DE TERCEIRA IDADE - SERVIÇO DE PSICOGERONTOLOGIA

As políticas de saúde pública, os progressos na medicina, os desenvolvimentos sociais e tecnológicos possibilitaram que as pessoas estejam atualmente a viver mais tempo. Assim, a população mundial está a envelhecer e a pirâmide do desenvolvimento da população está a começar a inverter-se (baixas taxas de natalidade e de mortalidade), o que constitui por um lado o sucesso dos avanços supracitados, mas por outro um desafio às sociedades na prestação de cuidados de qualidade no envelhecimento, dado que uma das consequências diretas é o aumento de doenças crónicas (ex: oncológicas, neurológicas, como as demências, entre outras). Portanto, este desafio adquire uma relevância inequívoca, no sentido em que nos remete para a consideração de diversas questões, como o desenvolvimento ao longo do ciclo de vida, o potenciar da qualidade de vida no envelhecimento, e o valor e as competências dos adultos mais velhos na sociedade, são apenas alguns exemplos referentes. A Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde, ao longo dos anos, tem estado sempre atenta à evolução da nossa sociedade e às necessidades sentidas pela mesma, portanto é neste sentido que compreende a relevância de um serviço de Psicogerontologia no seu Lar de Terceira Idade e que determina a sua existência há mais de 15 anos.

O serviço de Psicogerontologia do Lar de Terceira Idade foi-se organizando como um serviço integrante, em equipa multidisciplinar e em configuração transdisciplinar que atua agregando utentes, cuidadores (formais, informais, primários e secundários), uma equipa que consiste em Psicólogos, Psicólogos Estagiários, Médicos, Psiquiatra, Enfermeiros, Diretora de Serviço, Assistentes Sociais, Nutricionista, Terapeuta da fala, Fisioterapeuta, entre outros, numa procura de solucionar as dificuldades e as necessidades dos adultos mais velhos e das suas famílias a quem prestamos serviços. Ao longo deste período, o serviço produziu, desenvolveu e potenciou um conjunto de funções capazes de responder eficazmente às necessidades / expectativas dos seus beneficiários:

Ao nível da Avaliação e Intervenção com Utentes:

- Avaliação Psicológica / Neuropsicológica e a sua Monitorização: avaliação das alterações emocionais, comportamentais, cognitivas, funcionais e da qualidade de vida, de forma a definir e a implementar a metodologia de intervenção mais apropriada para cada utente;
- Relatórios do Exame Psicológico / Neuropsicológicos;
- Intervenção Psicoterapêutica: Modelo Cognitivo – Comportamental (1.ª, 2.ª e 3.ª geração); Terapia da Reminiscência, Terapia da Validação, Terapia Familiar Sistémica, Musicoterapia e Intervenção em Crise, intervenções estas que podem adotar formatos de Intervenção Individual e / ou em Grupo;
- Reabilitação / Estimulação cognitiva e sensorial (Sessões de Estimulação Cognitiva Global; Sessões de Treino Cognitivo – Níveis Ligeiro / Moderado; Sessões de Estimulação Multissensorial e de Psicomotricidade – Formatos de grupo e / ou individual): visam reabilitar e / ou estimular o funcionamento cognitivo e sensorial, tal como promover sentimentos de autoconfiança, socialização e partilha com o grupo;
- Planos individuais de intervenção de utentes com a Equipa Multidisciplinar Operacional: avaliação dos problemas / necessidades, potencialidades e expectativas do utente e da sua família, de forma a estabelecer objetivos específicos, estratégias de intervenção e indicadores a atingir para cada utente;

- Investigação e desenvolvimento: torna-se essencial desenvolver investigação, para promover conhecimentos e aptidões no que concerne à avaliação e intervenções no acompanhamento dos adultos mais velhos; assim, este serviço procura desenvolver e aferir instrumentos de avaliação e intervenção psicológica / neuropsicológica (ex: protocolo de avaliação neuropsicológica, instrumentos ao nível da qualidade vida); tal como efetua tratamento de dados que permitem aferir a eficácia dos tratamentos aplicados (ex: treino cognitivo, intervenção psicoterapêutica, grupos de apoio e suporte);

- Colaboração com Gabinete Jurídico da Instituição nos processos do Maior Acompanhado sempre que estes expressam o seu consentimento informado, de forma a colaborar na defesa dos direitos humanos e liberdades fundamentais dos adultos mais velhos;

- Colaboração com departamento da Qualidade da Instituição: Criação e revisão de procedimentos (ex: maus-tratos; emergência psiquiátrica; avaliação psicológica e intervenção psicoterapêutica);

- Colaboração com o departamento de atividades do Lar de Terceira Idade, no sentido de avaliar / realizar atividades de lazer / ocupacionais / intercâmbios intergeracionais que acrescentem valor e motivação para os utentes;

- Colaboração em equipa multidisciplinar de gestão, nos projetos de vida das pessoas e famílias que acompanhamos nesta etapa das suas vidas: procurar e refletir o funcionamento mais adequado para todo o sistema;

- Orientação de Estágios Profissionais e Académicos, contribuindo assim para a formação de novos profissionais e oportunidades de estágios na área da Psicologia Clinica e da Saúde e em particular da Psicogerontologia e Neuropsicologia;

- Panfletos Psicoeducativos (Envelhecimento ativo e Qualidade de Vida, Demências, Depressão, Maus-tratos, entre outros).

Ao nível da Avaliação e Intervenção com Cuidadores:

- Consultadoria aos Cuidadores - Formais, Informais, Primários e Secundários (Famílias, Responsáveis e Colaboradores): a partilha de conhecimento e de formas de intervenção reciprocas que contribuam para o reforço das capacidades e competências na gestão de dificuldades e / ou doença do adulto mais velho, tal como no potenciar da qualidade das relações familiares e profissionais;

- Avaliação Psicológica e Intervenção Psicoterapêutica: Modelo Cognitivo - Comportamental;

- Ações Formativas / Informativas para Equipa Multidisciplinar Gestão e Operacional / Colaboradores: Formação inicial em Psicogerontologia, Maus-tratos, *Burnout*, Demência, Gestão de *Stress* e de Conflitos, Perturbações psiquiátricas, Envelhecimento ativo e Qualidade de Vida, entre outros;

- Coordenação e Realização de Sessões "Anti-*Burnout*" em Equipa Multidisciplinar para Cuidadores na Demência - Grupos de Apoio e Suporte: é um programa Psicoeducativo que informa acerca da demência, impacto nos cuidadores e formas de lidar positivamente em termos comunicacionais e comportamentais com a doença. Tal como, quais os cuidados ao nível das atividades da vida diária e adequação da alimentação à medida que a doença progride; respostas económico-sociais; sistema jurídico e demência; estratégias de reabilitação / estimulação cognitiva e sensorial na demência e, por fim, gestão de stresse e estratégias de *coping* para os cuidadores;

- Organização de eventos em Psicogerontologia: Coordenação e Realização da I Reunião "Anti-*Burnout* para Cuidadores na Demência";

- Colaboração no Plano de Atividades "Anti-*Burnout*" para os Colaboradores: projetar e realizar atividades que diminuam o *burnout* e promovam a motivação dos colaboradores: Sessões de Relaxamento para Colaboradores, Comemoração Dia do Cuidador, Dia da Saúde Mental e Ações Motivacionais Breves em contexto laboral, entre outros.

Este Serviço de Psicogerontologia do Lar de Terceira Idade foi então desenhado num formato acessível, flexível, multidisciplinar, interdisciplinar e transdisciplinar de forma a que possa responder às necessidades dos utentes mas também dos demais intervenientes nesta etapa do desenvolvimento humano, proporcionando assim saúde mental, intervenção precoce, reabilitação / intervenção com base em tratamentos empiricamente validados e prevenção. Com este serviço, procuramos fundamentalmente numa abordagem holística efetuar uma intervenção de "atenção centrada na pessoa" que seja capaz de assegurar a triagem das suas necessidades, expectativas e potencialidades, de forma a contribuir para um envelhecimento ativo e com sentido, qualidade de vida e empoderamento psicológico enquanto adulto mais velho.

O serviço de Psicogerontologia agradece a todos os utentes, cuidadores, técnicos / técnicos estagiários, diretora do Lar de Terceira Idade, serviços e departamentos do Lar de Terceira Idade e da SCMVC nas pessoas do Sr. Provedor, Eng.º Arlindo Maia, e da Diretora Geral, Sr.ª Dr.ª Conceição Antunes, a construção conjunta de um serviço de Psicogerontologia que se movimenta diariamente na procura da excelência na prestação de cuidados aos adultos mais velhos.

Maria Sameiro Maio

Hotel Brazão reabre ao público com novo *look*

No passado dia 9 de abril 2019, a Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde reabriu o Hotel Brazão após grande requalificação.

Este investimento de cerca de meio milhão de euros serve para preservar a identidade do edifício brasonado do século XVII, correspondendo às crescentes exigências dos seus clientes. Entre as intervenções destaca-se a remodelação da fachada do lado da Av. Dr. João Canavarro que agora dispõe de maior luminosidade e visibilidade, favorecendo a relação com a cidade de Vila do Conde, ajudada pela reconfiguração do parque de estacionamento. O bar, agora estendido até à Avenida, servirá tanto hóspedes como a comunidade vila-condense. O rés-do-chão do hotel foi totalmente remodelado, objeto de uma decoração totalmente nova, incluindo mobiliário, que o tornou mais moderno, elegante e confortável.

Será, a partir de agora, uma resposta muito mais abrangente e qualificada. Referência para famílias, com a existência de quartos comunicantes; para negócios, com salas de reuniões e excelente rede *wi-fi*; para turismo de lazer, histórico, cultural, religioso, gastronómico e de natureza; e de apoio à cidade em todos os eventos organizados por instituições ou associações.

O Hotel Brazão tem uma longa história, contada em cada pedra do edifício, que em muito dignifica o centro histórico de Vila do Conde e pretende continuar a ser uma mais-valia para o concelho e para quem tem o prazer de o visitar.

Rui Maia

Anterior fachada do lado da Av. Dr. João Canavarro

Nova fachada do lado da Av. Dr. João Canavarro

Espaços de lazer foram renovados

Nova sala de pequenos-almoços

Cooperativa Agrícola de Vila do Conde

Cooperativa Agrícola de Vila do Conde, CRL >
Rua da lapa, 293 | 4480-757 Vila do Conde | Portugal
Tlf. +351 252 240 400 | Fax +351 252 240 414
www.cavc.pt

CULTO RELIGIOSO

Senhor dos Passos percorreu novamente as ruas de Vila do Conde

Majestosa Procissão do Senhor dos Passos, de volta às ruas de Vila do Conde

No passado dia 24 de Março 2019, a Majestosa Procissão do Senhor dos Passos, realizada pela Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde, em colaboração com a Paróquia de São João Baptista de Vila do Conde, encantou a comunidade vila-condense que, em grande número, assistiu ao percurso de Jesus na Sua Via Sacra.

As cerimónias iniciaram com o Sermão da Paixão, proferido pelo Rev. Prior Dr. Paulo César Dias, na Igreja da Misericórdia, seguindo-se a Procissão do Silêncio até à Igreja Matriz, onde teve lugar o Sermão do Pretório, proferido pelo Rev. Padre Dr. Luís Marinho da Silva. No final deste sermão, iniciou-se a Procissão do Senhor dos Passos que contou com a presença de Sua Excelência Reverendíssima, o Senhor Arcebispo de Braga e Primaz das Espanhas, D. Jorge Ortiga. À chegada à Igreja da Misericórdia, no escadório, foi proferido o Sermão do Encontro de Jesus Cristo com sua Mãe, no qual o ilustre pregador aludiu ao espírito de sacrifício e ao de "dar a vida" voluntariamente, por amor aos outros, sem expectativa de retribuição, sendo Jesus o exemplo máximo de tal vivência, pois "levou o seu amor até ao extremo", morrendo por nós.

Com tempo favorável, a Procissão percorreu as ruas de Vila do Conde, acolhida pelos vila-condenses que penduraram panos roxos nas suas varandas e ladearam as ruas para testemunharem esta marcha solene, pontuada pelo cântico de Verónica em cada Capela dos Passos ao longo do percurso.

A Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde agradece a participação de todos quantos colaboraram e participaram nesta iniciativa que mantém viva as tradições quaresmais na nossa cidade, salientando-se o papel desempenhado pelos cerca de uma centena de funcionários e funcionárias da Instituição que se responsabilizaram por incarnar os figurantes e carregar o andor de Nossa Senhora das Dores.

Miguel Amorim

Teatro Municipal e Espaço *Vita* recebem Via Sacra ao Vivo

Elenco de 43 utentes e 7 colaboradores levou aos palcos o tema "Missão em Esperança"

No passado dia 30 de março, a Via Sacra ao Vivo esgotou a lotação do Teatro Municipal, cedido pela Câmara Municipal de Vila do Conde especialmente para este evento.

Esta iniciativa é dinamizada pelo Centro de Apoio e Reabilitação para Pessoas com Deficiência em Touguinha, Equipamento Social da Misericórdia de Vila do Conde, em colaboração com a Paróquia de São João Baptista.

No dia 11 de abril, pelo segundo ano consecutivo, o espetáculo integrou as comemorações da Quaresma e Semana Santa de Braga, ao ser demonstrado no Espaço Vita. A presença do Senhor Arcebispo Primaz de Braga e das Espanhas, D. Jorge Ortiga, foi representativa da importância e dignidade desta Via Sacra; no final da encenação, as suas palavras, sentidas, manifestaram gratidão e esperança.

Tanto em Vila do Conde como em Braga, esta encenação, plenamente vivida pelos 43 utentes e 7 colaboradores em palco, mereceu o aplauso efusivo, em pé, por parte de todos os presentes, claramente emocionados e agradecidos com a mensagem transmitida e vivenciada.

O tema "Missão em Esperança" está alinhado, quer com a Arquidiocese de Braga (reflexões sobre a Esperança), quer com a Conferência Episcopal Portuguesa (reflexões sobre o Ano Missionário).

O simbolismo das "pedras" foi enfatizado, pois, em vez de serem atiradas em ato de condenação, "podem ser sinal de esperança, sinal de um novo começo" para "construir uma vida nova". No final da encenação, foi oferecida aos presentes uma lembrança elaborada no Centro de Atividades Ocupacionais do Centro: uma cruz plantada numa pedra, com uma mensagem de esperança.

A Misericórdia de Vila do Conde aproveita a oportunidade para agradecer à Casa Pontes a generosidade e disponibilidade para preparar a caracterização dos atores, tal como vem acontecendo, sem interrupção, desde 2005.

Sérgio Pinto

Braga também acolheu esta iniciativa com entusiasmo

QUALIDADE, AMBIENTE E SEGURANÇA

QAS+ Os desafios...

Os desafios profissionais para um departamento da Qualidade, Ambiente e Segurança (QAS) numa Organização do Setor Social, que desenvolve um leque vasto de serviços, onde inclui a saúde, hotelaria e exploração agrícola, são muitos, são constantes e radicam totalmente com a monotonia. Organizações como a Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde têm o "dom" de se construir a elas próprias, reinventando-se diariamente, ajustando cada área às suas inúmeras particularidades.

É assim cada passo dado, muito cauteloso, com uma identidade totalmente própria que nos desafia diariamente.

O Departamento está atualmente e como habitualmente com todas as atividades que suporta ativas, revendo e ajustando todos os processos e procedimentos, auscultando e apoiando as várias atividades interatuantes e os seus interlocutores nas suas várias hierarquias.

Encontramo-nos a preparar o V Fórum de Segurança, atividade realizada desde 2011 na Instituição, construída a pensar exclusivamente nos nossos quase 900 profissionais.

Trata-se de uma atividade bastante valorizada pelo departamento em que são desafiados a participar no desenvolvimento do Fórum vários serviços da Instituição, assim como parceiros, de forma a viabilizar e enriquecer as ideias projetadas pelo departamento QAS.

O tema deste Fórum é o Futuro do Trabalho e pretende sensibilizar os profissionais para a importância de se manterem ativos e com saúde, assim como objetiva consciencializar para a necessidade de decidir sobre a idade geracional em que pretendemos estar. Para a concretização desta iniciativa foram divididos os espaços de atividades do Fórum nos 4 grandes elementos: ar, fogo, água e terra.

Cartaz do V Fórum de Segurança

Contámos neste evento com a presença assídua dos colaboradores e com a boa disposição de todos, pois a previsão para este dia é de muita diversão.

Como sempre o programa do Fórum é surpresa e só será dado a conhecer no próprio dia. Conseguimos desde já assegurar que serão superadas as expectativas dos participantes!

Banner do 1st Quality Learning, dinamizado pelo departamento QAS da Misericórdia de Vila do Conde

Estamos também a desenvolver e preparar o 1.º evento de *Quality Learning*, a nível nacional, previsto realizar dia 17 de outubro. Este 1.º evento tem a particularidade de ser direcionado a entidades que exercem a sua atividade centrada na pessoa com deficiência, e nas quais vislumbramos critérios de qualidade relevantes para este encontro de aprendizagens e partilha. Uma das particularidades inovadoras deste evento é que estará nas mãos das entidades convidadas a decisão sobre os temas a explorar nas várias sessões previstas para este dia.

Como parceiros de sucesso neste evento teremos a Sinase, representada pelo Dr. Márcio Rodrigues, Consultor Sénior, Formador e Auditor com vasta experiência em referenciais de gestão da qualidade, nomeadamente no referencial *EQUASS*, assim como a Associação Portuguesa para a Qualidade (APQ), representada pelo Dr. Domingos Rosa, Presidente do Conselho de Administração da Fundação AFID Diferença e Presidente da Direção Nacional da AFID – Associação Nacional de Famílias para a Integração da Pessoa Deficiente.

O objetivo deste encontro é a partilha de aprendizagens e metodologias de trabalho, tendo por base o referencial *EQUASS* e o trabalho dedicado à pessoa com deficiência.

Como resultado das necessidades que vão surgindo, fruto do desenvolvimento do Sistema de Gestão da Qualidade e no desenvolvimento deste evento, o QAS criou um conceito/metodologia de trabalho designado de 5 B's. Esta metodologia será partilhada com as entidades convidadas, sendo esta no futuro uma ferramenta de trabalho que pretendemos aprimorar e explorar.

O dia-a-dia deste departamento é assim muito rápido, pairando diariamente o sentimento de que muito se fez, e muito mais ainda fica por fazer, fruto do prazer que sentimos e da dedicação que prestamos a cada detalhe e a cada pequeno, mas para nós grande passo alcançado.

Odete Cunha

UNIDADE DE SAÚDE - SERVIÇO DE DERMATOLOGIA

Aproveite o verão, mas com moderação!

Dr.ª Ana Cristina Nogueira - Dermatologista da SCMVC

A época do Verão traz consigo alguns desafios no cuidado da pele. Em primeiro lugar, é importante prevenir os escaldões. A evicção das horas de maior intensidade de radiação ultravioleta (ou seja entre as 11 e as 16h), o uso de vestuário adequado e a aplicação consistente de fotoprotetor são fundamentais.

Entre outros fatores, as queimaduras solares aumentam o risco de cancro de pele, nomeadamente o melanoma maligno. Todos devemos estar atentos à nossa pele e fazer o auto-exame periodicamente, sendo que uma consulta com o Dermatologista é o ideal para avaliar os nevos (sinais). Na consulta de Dermatologia, dispomos de dermatoscopia digital computorizada, uma ferramenta que permite mapear os nevos dos pacientes, identificar e tratar atempadamente lesões suspeitas e fazer a comparação futura dos restantes nevos.

A erupção polimorfa à luz solar (a forma mais frequente de "alergia solar") é outro problema que comummente se manifesta no Verão. Para além de uma exposição solar progressiva e regrada para aumentar a tolerância da pele e o uso de protetor solar adequado ao tipo de pele , existem suplementos vitamínicos e medicamentos que podem minorar este problema. A consulta com o dermatologista é essencial.

Ana Cristina Nogueira
Dermatologista da SCMVC

DESPORTO

Equipa de Parahóquei da Misericórdia de Vila do Conde vitoriosa em Valpaços

Equipa da SCMVC de prémio na mão

No dia 30 de Janeiro de 2019, realizou-se o Campeonato Regional Norte Indoor Ok5 ANDDI/FPH de Parahóquei, no pavilhão municipal de Valpaços. Nesta competição participaram cerca de quarenta atletas portadores de deficiência. Esta iniciativa promovida pela ANDDI – Portugal (Associação Nacional de Desporto para o Desenvolvimento Intelectual) e pela Federação Portuguesa de Hóquei foi mais uma "stickada" no preconceito e discriminação.

As equipas participantes foram: Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde – (SCMVC), APPACDM – Mirandela, APPACDM – Valpaços e Academia Santos Mártires – Bragança. O Professor Pedro Silva acompanhou os atletas que representaram a instituição da Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde (SCMVC). Na competição desportiva, os verdadeiros protagonistas foram os seguintes: Jorge Ferreira, Manuel Carvalho, Pedro Magalhães, Nuno Amorim, Joaquim Pereira, Jorge Pereira, Sérgio Areias e Rui Sousa. Os "vila-condenses" arrecadaram três vitórias, num total de três jogos efetuados, com os seguintes resultados: SCMVC 2 Vs Academia Santos Mártires 0; SCMVC 2 Vs APPACDM – Mirandela 1; e SCMVC 4 Vs APPACDM – Valpaços 2. A classificação final ficou ordenada da seguinte forma: 1º lugar - Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde (SCMVC) – 9 pontos; 2º lugar - Academia Santos Mártires – Bragança – 6 pontos; 3º lugar – APPACDM – Mirandela – 3 pontos e 4º lugar – APPACDM – Valpaços – 0 pontos.

A Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde (SCMVC) sagrou-se pela primeira vez "Campeã Regional de Inverno", ao vencer todos os jogos. O evento teve grande cobertura mediática, nomeadamente por parte da "Sinal Tv".

Pedro Silva

Uma Aventura Desportiva em Viana do Castelo

No dia 13 de Julho de 2019, o Professor Pedro Silva e a Animadora Elisabete Monteiro colocaram em prática a atividade externa que tinham proposto aos residentes do Centro Rainha Dona Leonor. Os residentes que estão inseridos e são parte ativa nas aulas de atividade física tiveram a oportunidade de experienciarem um dia diferente e de convívio, em Viana do Castelo, mais concretamente, junto ao Santuário de Santa Luzia.

Inicialmente, os residentes realizaram um conjunto de exercícios funcionais. As tarefas propostas tiveram como "foco" as atividades da vida diária por eles realizada, ou seja, quanto mais próximos os exercícios forem das atividades quotidianas, maior será a transferência no desempenho das habilidades de cada um nos seus afazeres, dentro e fora da Instituição.

Posteriormente, foi realizado um jogo lúdico-recreativo, o tradicional "jogo da malha". Esta tarefa proposta teve uma grande recetividade por parte de todos os envolvidos, pois reviveram um jogo que foi e será sempre jogado entre amigos e família, numa situação de lazer e convívio.

Por fim, os residentes almoçaram e conviveram, tendo manifestado muito gosto, prazer e satisfação por todos os momentos que viveram e experienciaram ao longo do dia.

Pedro Silva

Residentes do Centro Rainha Dona Leonor visitaram o Santuário de Santa Luzia

Exercícios funcionais melhoram mobilidade no dia-a-dia

Tradicional "jogo da malha" foi bem recebido

DO ARQUIVO

Capela de André Afonso Folgueira e Mécia Folgueira

André Afonso Folgueira, cavaleiro fidalgo da Casa d'El Rei e mercador, foi casado com Mécia Folgueira de Valadares, filha de Fernão Folgueira de Valadares, sendo moradores na rua da Lage em Vila do Conde. Segundo o Nobiliário das Famílias de Portugal, de Felgueiras Gaio, André Afonso Folgueira foi Ouvidor da Abadessa do Mosteiro de Santa Clara de Vila do Conde. Não se conhece a sua filiação, embora algumas teses apontem a sua origem como sendo Matosinhos. Fez parte da lista dos Irmãos desta Santa Casa, registado entre 1521 e 1600, foi também um importante mercador, tendo começado a sua atividade em Vila do Conde por volta de 1530. Exerceu cargos na governação da cidade entre 1541 e 1570, sendo Almotacé, Juiz e Vereador.

Do seu casamento com a dita Mécia Folgueira nasceram sete filhos: Luís Folgueira, Mateus Folgueira, Isabel Folgueira, Francisco Folgueira, Maria Folgueira, Gaspar Folgueira e Beatriz da Encarnação. O já referido Nobiliário das Famílias de Portugal, admite ainda a existência de um outro filho deste casal, de nome Manuel Folgueira, casado na ilha do Faial, Açores, com Isabel Pacheco de Lima. Na mesma obra, o autor Felgueiras Gaio diz ter consultado a obra de genealogia do Abade de Esmeriz e de lá ter retirado a informação de que Manuel da Folgueira teria falecido no norte de África juntamente com o rei D. Sebastião. A confirmar a existência deste filho há um documento no Livro de Notas para Escrituras, dos anos 1567 e 1568, do Cartório Notarial de Vila do Conde, com data de 4 de agosto de 1567, que registou uma doação no valor de 2000 cruzados, feita por André Afonso Folgueira, cavaleiro da Casa Real, e por Mécia Folgueira, sua mulher, a Manuel Folgueira, seu filho. Esta doação foi um reconhecimento dos méritos de Manuel Folgueira enquanto seu agente comercial e implicava reinvestimento em negócios ultramarinos.

Dois dos filhos de André Afonso Folgueira e Mécia Folgueira seguiram a vida religiosa, Beatriz da Encarnação, freira no mosteiro de S. Bento de Viana e Gaspar Folgueira, frade da Ordem franciscana. Os restantes casaram e tiveram descendência.

Luís Folgueira, licenciado, serviu no Desembargo em Coimbra, onde residia com a esposa, Maria Pessoa, e as suas quatro filhas: Mécia Quaresma, Isabel Costa, Simoa Folgueira e Bárbara, que na altura da redação do testamento da avó era menor de 14 anos.

Mateus Folgueira de Valadares, foi inicialmente indicado por sua mãe para ser seu testamenteiro, no entanto, já no final do testamento, foi substituído por Pero Enes Gaio, que por sua vez, por se achar ausente da vila, foi substituído por Manuel Folgueira, neto de Mécia Folgueira. Mateus Folgueira casou em 25 de fevereiro de 1576, com Marinha de Barros, filha de Manuel Luís e Margarida de Barros. Deste casamento nasceu Maria Folgueira de Valadares que, em 30 de abril de 1610, casou com António Maio.

De Isabel Folgueira não existe muita informação, apenas se sabe que teve uma filha de nome Isabel de Jesus, freira no convento de S. Bento de Viana juntamente com sua tia Beatriz da Encarnação. Esta neta de André Afonso Folgueira e Mécia Folgueira foi contemplada no testamento da avó com os rendimentos dos bens que ficassem por morte de Beatriz da Encarnação.

Francisco Folgueira casou e instalou-se na ilha do Faial, Açores. São-lhe reconhecidos dois filhos, Francisco da Silveira e Mécia Folgueira, contudo, desconhece-se o nome da sua esposa. Seu filho, Francisco da Silveira foi Cavaleiro Fidalgo da Casa Real, casado com Dona Paula de Gouveia e eram moradores na vila da Horta, ilha do Faial. Na data em que sua mãe redigiu o testamento, tanto ele como seu irmão Luís Folgueira eram já defuntos.

Por último, Maria Folgueira, de que há notícia ter-se batizado em 11 de julho de 1540, casou com António Francisco do Porto e desta união nasceu Marcos Folgueira, que mais tarde se casou com Juliana Carneiro.

A capela[1] de André Afonso Folgueira e sua esposa Mécia Folgueira, foi instituída por testamento dela de 14 de julho de 1576. Ficaram vinculadas à referida Capela algumas propriedades fundiárias, bem como uma verba de 30 mil reais para a compra de outras. Segundo o testamento de Mécia Folgueira, o rendimento desta capela deveria ser entregue à sua filha, Beatriz da Encarnação, freira no mosteiro de S. Bento de Viana. À morte desta, os ditos rendimentos transitariam para Isabel Jesus, sua sobrinha e neta dos instituidores, também ela freira no mesmo mosteiro. Por falecimento de ambas as beneficiárias, o rendimento da capela reverteria para o Hospital desta Santa Casa e para os pobres dele.

Não há conhecimento da existência do testamento de André Afonso Folgueira que, segundo os registos do Livro de Eleição Receita e Despesa de 1573, teria falecido em julho desse ano. No entanto, existe uma certidão passada pelo escrivão dos Órfãos, Miguel Roiz Preto, de 29 de janeiro de 1583, onde constam algumas verbas do inventário que foi feito aquando do seu falecimento.

Em 14 de julho de 1576, foi concluído o instrumento de aprovação do testamento de Mécia Folgueira, que na altura já era dada como viúva, cujo teor é o seguinte:

"*Saibão quoantos este estromento de aprovação de manda e testamento virem que no Anno do nascimento de nosso sõr jesu Christo de mil e quinhentos e setenta e seis anos a quatorze dias do mes de julho em villa de conde nas casas que fiquarão de Andre Afonso Folgueira já defunto estando hi assentada em huma cadeira Mecia Folgueira Dona Viuva molher que fiquou do dito Andre Affonso com seu juízo legando, por esse, perque posto que faça entrevallo no falar esta em seu juízo, e da sua mão e de mim taballião deu este seu testamento…*".

Foram testemunhas do processo: Pero Álvares, distribuidor, que assinou pela dita Mécia Folgueira; Gonçalo Gomes e Diogo Gomes, ambos filhos de Gomes Carneiro; Francisco de Andrade; Francisco Rodrigues e Francisco Gonçalves, os três com a profissão de alfaiate; e António Gonçalves, sapateiro, por alcunha o panejo.

Nesse documento, ficaram declaradas algumas das suas últimas vontades, nomeadamente, as disposições sobre o seu enterramento.

Pediu para ser sepultada junto de seu defunto marido, no hábito de S. Francisco de Azurara, acompanhada pela Irmandade da Misericórdia em cortejo fúnebre até à sua última morada. Pelo testamento de sua filha Maria Folgueira, sabe-se que foram ambos enterrados numa sepultura dentro da Igreja Matriz.

Como pagamento pelas exéquias fúnebres, deixou à Misericórdia uma esmola de quatro mil reais, além da oferta habitual e dois mil reais de esmola aos frades capuchos de S. Francisco de Azurara, bem como o valor do hábito. Aos padres de S. Francisco de Vila do Conde, pediu que lhe fizessem um ofício de nove lições, dentro da sua igreja, um mês depois do seu falecimento.

[1]Parte da herança que o testador destinou à satisfação dos encargos de sua alma, como a celebração de missas, esmolas e outros actos de caridade, piedade ou devoção.

Os seus testamenteiros, seus filhos Mateus Folgueira e Maria Folgueira, ficaram incumbidos de lhe mandarem fazer três estados com missa e presença de todos os padres que se encontrassem na vila, com ofício de nove lições, dentro de um mês após o seu falecimento. A oferta ficava ao critério dos ditos testamenteiros, desde que fosse conforme à qualidade da sua pessoa.

Deixou esmolas às várias confrarias de Vila do Conde e um conjunto bom de roupa de cama ao Hospital da Misericórdia.

Destinou ainda 1000 reais da sua fazenda para as obras da igreja de S. Bartolomeu, 500 reais para a casa de Santa Catarina e outros 500 reais para a confraria de Santo Amaro.

Ordenou em testamento que se desse vestimenta a 12 pobres, homens e mulheres, em honra dos Sagrados Apóstolos. Caso os seus testamenteiros quisessem aumentar esta esmola, pediu que incluíssem as duas filhas de Maria Franqua, "*a galvoa e a pinta*", e que os seus vestidos fossem conforme a qualidade de suas pessoas, os restantes seriam de pano.

Para sua filha Beatriz da Encarnação, freira no mosteiro de S. Bento de Viana deixava a quantia de 30 mil reais para que os testamenteiros os aplicassem em bens de raiz. À morte desta sua filha, esses bens passariam para Isabel de Jesus, sua neta, filha de Isabel Folgueira, também ela freira no mesmo convento. Por morte de ambas, o rendimento das propriedades passaria para o hospital da Misericórdia e pobres dele.

Referiu que seu marido já tinha dotado suas filhas, Maria Folgueira, Isabel Folgueira e Beatriz da Encarnação, a primeira com 14 mil reais e as outras com 40 mil reais. No dote de Beatriz da Encarnação foram retirados 10 mil reais de foram emprestados à Abadessa do convento de S. Bento de Viana.
A sua filha Maria Folgueira, deixou as casas em que vivia com seu enxido, como forma de pagamento pelo trabalho que ela teria como sua testamenteira. Deixou-lhe também o terço de sua fazenda para pagamentos dos três estados que pediu para lhe fazerem.

Quanto aos filhos, referiu que teve um filho de nome Francisco Folgueira que tinha ido morar para os Açores, mas que era já defunto. Deste filho conhece-se, pela documentação, a existência de dois filhos, Francisco da Silveira e Mécia Folgueira.

Seu filho Luís Folgueira também já era defunto na altura em que ela redigiu o testamento. Era licenciado e servia no Desembargo, em Coimbra, onde morava com a sua esposa Maria Pessoa e as suas 4 filhas. Mécia Folgueira refere que lhe tinha emprestado uma "*…cadeia douro que valia 8 mil rs…*". Pediu ainda, ao seu filho e testamenteiro Mateus Folgueira, que entregasse a Maria Pessoa, viúva de Luís Folgueira, a quantia que arrecadasse da dívida de Dona Branca, que foi mais de cem mil reais. Esta dívida correspondia ao valor de dois anos de renda da comenda de Rates que André Afonso Folgueira havia pago antecipadamente a Manuel Teles Meneses, ex-comendador de Rates, já defunto e filho da dita D. Branca.

A Gaspar Folgueira, seu filho, frade professo da Ordem de S. Francisco, mencionou que já lhe tinha entregue a quantia de 23 mil reais.

Pediu que fossem cumpridas as nomeações dos prazos de vidas que tinha feito a seus filhos Mateus Folgueira e Maria Folgueira, conforme declaravam as escrituras.

Da sua fazenda, deixou a quantia de 10 mil reais aos herdeiros das casas derrubadas que estavam de frente da sua casa.

No final do testamento, substituiu o seu filho Mateus Folgueira da incumbência de ser seu testamenteiro por Pero Enes Gaio e, caso este estivesse ausente, seria substituído por Manuel Folgueira, neto dela Mécia Folgueira.

A aprovação do testamento havia sido feita por Miguel Roiz Preto, escrivão dos

Órfãos em Vila do Conde, que o entregou aos testamenteiros de Mécia Folgueira em 1 de fevereiro de 1580, provavelmente logo após o seu falecimento. Estiveram presentes na abertura do documento: Isabel Folgueira; Beatriz da Encarnação; Maria Folgueira; Mateus Folgueira; Maria Pessoa, como representante de seu falecido marido, Luís Folgueira; o padre Gaspar Folgueira e o Curador dos Ausentes, em representação dos herdeiros de Francisco Folgueira que se encontravam na ilha do Faial, Açores.

A partilha dos bens de Mécia Folgueira foi regulada por Manuel Folgueira, Pero de Barros e António Martins Gaio, sendo escrivão Miguel Roiz Preto. Maria Folgueira, como testamenteira, declarou estar de acordo com as partilhas de sua mãe, inclusivamente com a entrega de todo o rendimento do Casal de Sendim a sua irmã Beatriz da Encarnação. Adiantou ainda que, caso o dinheiro deixado para a compra de bens de raiz não fosse suficiente, fazia esmola do terço de sua mãe, que lhe pertencia por direito, para comprar propriedades e desistia delas em favor da dita sua irmã.

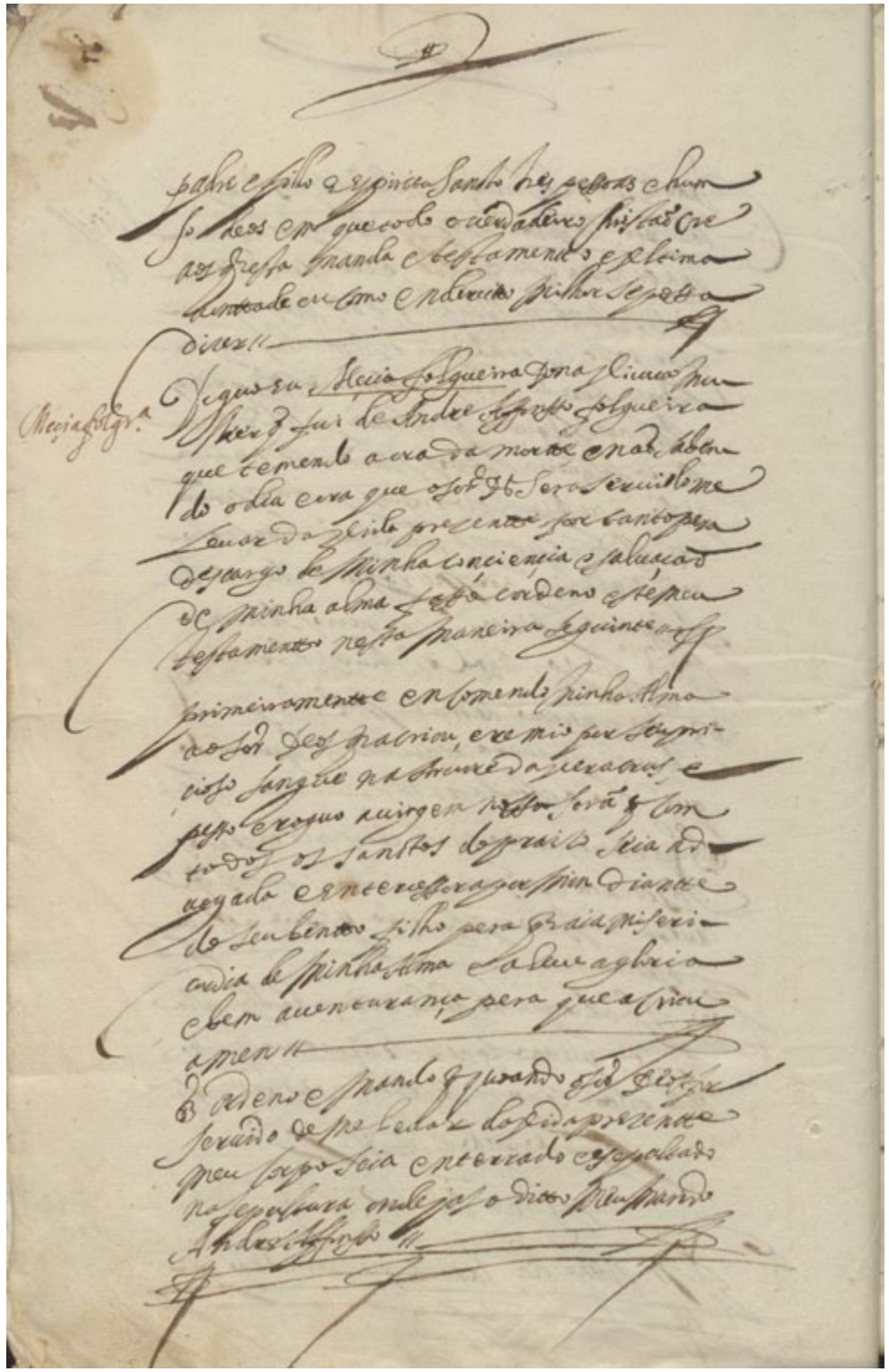
Da fazenda de Mécia Folgueira foi retirada, com o consentimento dos seus herdeiros, a quantia de 60 mil reais do rendimento de certas propriedades que foram dadas a Gaspar Folgueira, para ajuda de seu sustento, pois, por ser professo da Ordem de S. Francisco, não herdara nenhuma propriedade. Estas terras localizavam-se em dois locais distintos, uma na freguesia de Viatodos, aldeia do Souto, termo de Barcelos, sendo seu caseiro Gonçalo Afonso, outra na freguesia de Custoias, que estava entregue às "*Payas*". Destas propriedades pagavam os caseiros o total de 58 alqueires de pão meado. Este rendimento seria para usufruto do padre Gaspar Folgueira enquanto fosse vivo, sendo que à sua morte, passaria para as freiras Beatriz da Encarnação e Isabel de Jesus. Por falecimento de ambas, as 58 medidas de pão passariam para o Hospital da Misericórdia por doação feita pelos restantes herdeiros de Mécia Folgueira.

Assim sendo, por morte das ditas freiras, filha e neta dos instituidores da capela, reverteriam para o Hospital da Misericórdia não só as propriedades destinadas para sustento de Beatriz da Encarnação, mas também as propriedades sitas nas freguesias de Viatodos e Custóias, entregues ao padre Gaspar Folgueira aquando das partilhas dos bens de Mécia Folgueira pelos restantes herdeiros.

Pensa-se que em 1639, faleceu a última herdeira deste legado, passando a Misericórdia de Vila do Conde a administrar estes bens e os seus rendimentos. Logo em 1640, surgem os primeiros desentendimentos com o convento de S. Bento de Viana pois este não queria abdicar dos referidos bens. Após anos de processos judiciais a Misericórdia perdeu uma parte dos rendimentos desta capela por não haver documentação que comprovasse a sua posse das terras. Contudo, manteve-se na posse e administração das restantes, garantindo a boa gestão das propriedades e o cumprimento das obrigações da capela.

Fica para um escrito posterior, a descrição das propriedades, títulos de compra, suas localizações e confrontações, bem como os rendimentos e caseiros de cada uma. De igual modo, será explanado o intervalo de tempo entre a tomada de posse das propriedades vinculadas à capela de André Afonso Folgueira e Mécia Folgueira, que a Misericórdia assumiu em 1640, e a remissão dos foros das propriedades.

Liliana Silva Aires



Traslado do testamento de Mécia Folgueira, 15 de fevereiro 1640

CIMMVC

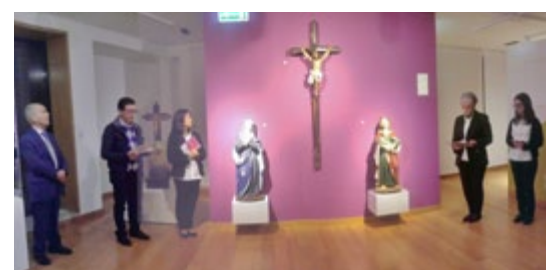
Memórias em exposição - 1º semestre 2019

Caminho de Misericórdia

O Centro Interpretativo de Memórias da Misericórdia de Vila do Conde realizou, entre os dias 15 de março e 13 de abril deste ano, uma iniciativa intitulada "Caminho de Misericórdia", que se traduziu num momento de reflexão e oração através da contemplação da representação cénica das catorze obras de misericórdia, associando-as a algumas estações da Via Sacra de Jesus Cristo. Este evento teve como propósito a sensibilização do público que nele participou para a adotação da missão de ser rosto de misericórdia.

Na memória, permanecem algumas das palavras ditas na abertura desta iniciativa:

"Meditar sobre as obras de misericórdia será um acordar da nossa consciência tantas vezes adormecida pela cadência dos dias e pela repetição dos gestos. Será um exercício que nos ajudará a refletir sobre o modo como cumprimos, através de gestos muito concretos, aquilo a que fomos chamados. Porque misericórdia é gesto de amor. Amor sem medida."



Momento solene na conclusão do Caminho de Misericórdia

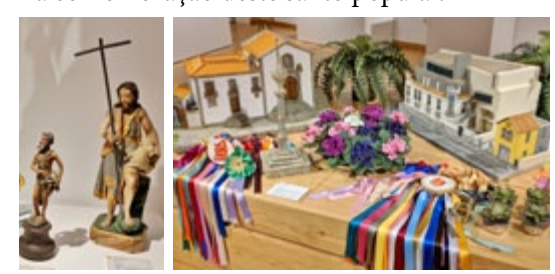
Visita Pascal

Na continuidade das celebrações associadas ao período da Quaresma e da Páscoa, o CIMMVC recebeu este ano, pela primeira vez, a visita Pascal. Foi uma agradável iniciativa que trouxe uma dimensão mais espiritual a este espaço cultural da Misericórdia de Vila do Conde. Para esta receção foi preparado o espaço da sala multiusos com uma pequena exposição de arte sacra, alusiva ao tema da morte e ressurreição de Cristo.

Compasso da Misericórdia de Vila do Conde em visita

Memórias de um S. João

O CIMMVC teve patente ao público, entre os dias 7 de junho e 13 de julho deste ano, uma exposição alusiva às comemorações do S. João intitulada "Memórias de um S. João". Nesta mostra, estiveram expostos vários exemplares de esculturas da imagem de S. João Batista, padroeiro desta cidade, bem como outros objetos relacionados com a tradição vila-condense na comemoração deste santo popular.



Esculturas de S. João
e recriações de edifícios da Misericórdia

Lembramos que este espaço situa-se na rua Dr. António de Andrade, n.º 104, 4480-806 Vila do Conde, aberto de terça-feira a sábado, das 14h às 18h. A entrada é gratuita e as visitas guiadas estão sujeitas a marcação antecipada pelo **telefone:** 252 249 080; ou o **e-mail:** geral@cimmisericordiaviladoconde.pt

Liliana Silva Aires

PROSAS BÁRBARAS
- " Uma Novidade Extravagante e Burlesca"
(1.ª fase da vida literária de Eça de Queirós)

I

As *Prosas Bárbaras*, só postumamente reunidas em volume (1905), foram primeiramente publicadas em "Folhetins", na *Gazeta de Portugal*: "Repentinamente (em Março de 1866), começaram a aparecer uns "Folhetins" assinados "Eça de Queiroz", na época um desconhecido, pelo que se julgou durante algum tempo tratar-se de um pseudónimo.

Esses "Folhetins" foram, porém, notados "como novidade extravagante e burlesca" (p.8), diz-nos Jaime Batalha Reis, na sua "Introdução" às *Prosas Bárbaras*, elaborada a pedido dos Editores da obra. É que B. Reis, professor de Agronomia, dotado de profundo espírito crítico, fora «a testemunha mais próxima da redacção dos escritos agora reunidos em volume» e «o mais inseparável companheiro do autor» (p.7).

Esta "Introdução" é o melhor documento da primeira fase da vida literária de Eça, melhor, do então "romântico" Eça de Queirós".

Batalha Reis, além de nos ajudar a compreender a essência desses "Folhetins", revela-nos também o modo como Eça escrevia – num estado de excitação, quase em êxtase, provocado por sucessivas chávenas de café ou pela leitura de alguns dos seus contos, resultando daí uma hipersensibilidade, geradora de visões fantásticas, onde «a sua imaginação tão maravilhosamente se movia» (p.46).

Eça escrevia como que cumprindo um ritual: vestido de negro, levantando-se para lavar as mãos (não suportava o pó), pronunciando alto as frases, escrevendo só numa determinada espécie de papel.

As *Prosas Bárbaras*, cujo objectivo era "criar fantástico", são o produto de toda esta atmosfera de alucinação, de fantasia, de quimera, e representam estilisticamente uma grande revolução na Literatura Portuguesa.

São páginas extraordinárias, escritas na sua primeira mocidade, sob profundas influências germânicas: Heine, alemão, o mais dominante no Eça desta fase; Gérard de Nerval, um dos iniciadores em França do Romantismo germânico; Michelet, admirado pelo dom de criar vida íntima e fantástica.

É também de assinalar a influência de Edgar Pöe, escritor americano, conhecido por Eça – "então ignorante de inglês" – através das traduções francesas de Baudelaire.

Além destas influências dominantes, Eça lia ainda quase todos os grandes românticos franceses: Musset, Gautier, Victor Hugo…

É também por meio de traduções francesas que conhece Shakespeare, Goëthe, Hoffmann.

Eça é, entre nós, o único representante dessa estética romântico-fantástica, que teve grande voga na Alemanha e França do séc. XIX. O nosso primeiro e segundo romantismos desconheceram inteiramente o primeiro romantismo alemão e francês. Estes só foram conhecidos, entre nós, com Eça, quando o nosso Romantismo se aproximava do declínio.

Eça de Queirós, influenciado por esses autores, em cujo universo o real se confunde com a fantasia, com o sonho, distorcia constantemente a realidade, transformava-a fantasmagoricamente numa visão íntima, surrealista.

Neste universo fantástico, o ser e as coisas não existem numa percepção normal.

Tudo aparece dotado de alma, de sensibilidade, numa visão vagamente panteísta do Universo.

Eça, de natureza extremamente impressionável, atento a tudo que fosse mistério, transmitiu para as *Prosas Bárbaras* aquilo em que acreditou – a transmigração dos átomos, a pureza do corpo e a maldade da alma.

Batalha Reis, falando-nos do significado das *Prosas Bárbaras*, explica:

«O que caracteriza este momento da vida literária de Eça de Queiroz é a sincera comoção do criar fantástico, sem excluir inteiramente, já então, a ironia – que mais tarde é o inseparável instrumento de trabalho do seu espírito.»

Notemos a reacção do próprio Autor, ao ouvir o amigo Batalha Reis reler, talvez, As *Memórias de uma Forca*, de que quase já se não lembrava. Diz-nos J. Batalha Reis: «Ao ouvir a sua obra primitiva, Eça de Queiroz soltava gargalhadas sarcásticas, gritos de indignação, contra as imagens, os assuntos, o estilo: não compreendia como pudesse ter escrito assim, tão pessoalmente, tão apaixonadamente, tão vagamente, com tanto desleixo – berrava ele – na criação das imagens, na construção da frase e no emprego dos vocábulos.» (pp. 45-46).

E perante a insistência do mesmo Amigo, quanto à sua publicação em volume, acabou por concordar, mas impondo o título da obra:

«- Tens talvez razão, com efeito – está claro, tens razão. Talvez se deva republicar isso em livro. – E acrescentou muito grave; - Mas sob o título crítico e severo de *Prosas Bárbaras*.»

Prosas Bárbaras, isto é, incipientes, ainda mal cultivadas, ainda débeis – interpretamos, ou ainda como diz J. Gaspar Simões: «talvez lembrando-se de um autor que muito admirava e de uma obra que muito tinha lido *Poèmes Barbares* ou ainda talvez porque a palavra *bárbaro* surge em cada linha dos seus velhos folhetins.» Ernesto Guerra da Cal, em *Linguagem* e estilo de *Eça de Queirós*, identifica esse autor: «A abundância do vocábulo "bárbaro" seria suficiente para justificar o qualificativo de *bárbara* com que Eça definiu a prosa da sua juventude. O seu uso denuncia a forte influência dos *Poèmes Barbares* de Leconte de Lisle.»

x x x

Após esta 1.ª parte, baseada sobretudo na "Introdução" de Jaime Batalha Reis, deter-nos-emos apenas na *I Prosa Bárbara*, intitulada *Notas Marginais*. Nelas se narra uma história de amores dramáticos, em que a nossa Literatura é abundante.

Como o espaço de que dispomos é exíguo, seleccionei apenas 5 "Notas Marginais" - I, III, XI, XXI, XXII - de modo a focar a evolução trágica daquele amor infeliz: o começo da situação amorosa (notas I e III), sua ruptura (nota XI, consequências no sujeito poético e considerações deste (notas XXI e XXII).

Comentaremos primeiro a "cantiga dos namorados", que precede as *22 Notas Marginais* e que funciona como uma prolepse sintética daquela história de amores.

II
NOTAS MARGINAIS

Como já dissemos são vinte e duas as *Notas Marginais*, sendo, porém, precedidas de "uma velha cantiga", marcadamente reticente, como que a sugerir o desgaste da palavra oral através do tempo… (p. 158).

Essa "velha cantiga" tem como tema o "desencontro de amores", tema muito explo-

Nota: As transcrições da I e II Partes, devidamente assinaladas e seguidas das respectivas páginas, pertencem à Introdução de Jaime Batalha Reis, in Eça de Queirós, Prosas Bárbaras, Edição Livros do Brasil, Lisboa, s/d, com fixação do texto e notas de Helena Cidade Moura.

rado na nossa Literatura, desde os seus primórdios, e aqui simbolizado pelas profundas águas do rio, impedindo a união dos dois namorados.

……deste lado do rio
……o namorado,
E a moça dos olhos pretos
……do outro lado.

Mas o rio era profundo,
Não se podiam juntar.
Nunca o Sol encontra a Lua.
Tal andava aquele par.

"Ele" está deste lado do rio (v.1), "ela", de olhos negros (fatais), "do outro lado" (v.4), o que desde logo indicia a separação daquele par, metaforicamente confirmada pela frase de registo de discurso abstracto – "Nunca o Sol encontra a Lua" (v.7) – notar o presente gnómico, de valor intemporal.

……flores
….à água iam dar;
…….os beijos
Ficavam todos no ar.

A moça……..
Disse adeus ao namorado;
E foi……
……bandas do povoado.

A frustração daquele amor está traduzida na 3.ª estrofe pelas "flores" e pelos "beijos", que não atingem o seu objectivo, esvaziando-se, assim, do seu significado habitual de mútuo afecto.

Ela parte, desaparecendo, em direcção ao "povoado" (4.ª est.), sugerindo, talvez, a sua reintegração social – uma forma de evasão, revestida de uma certa frieza inesperada, a julgar pelos efeitos no "amigo", evidenciados por uma comparação expressiva, extraída da esfera do religioso, mas contendo elementos premonitórios da ideia de morte – "Ele ficou amarelo, / como a vela de um altar" (5.ª est.).

Ele ficou amarelo,
Como a vela de um altar.
Mas se o rio……
Não se podiam juntar.

Anoiteceu…….
Por ali andou penando:
E por fim lançou-se ao rio,
E o rio……

Morte voluntária, fruto de um sofrimento contínuo, traduzido pela perifrástica, precedida do deíctico "ali", acompanhado da preposição "por", visualizando uma atitude errante do sujeito poético: "Por ali andou penando". A expressão "por fim" estabelece o ponto da situação, envolvida pela carga afectiva, sentimental, contida na conjunção copulativa inicial "E". (6.ª est., v.3).

O remate dramático da história é preparado pelo ambiente romântico nocturno "Anoiteceu" e traduzido pelo pretérito perfeito, de valor ponctual, irreversível: "E por fim lançou-se ao rio". (6.ª est.).

……..
……..
Mas as flores foram prender-se
Nas suas mãos cor de cera.

A coroar este epílogo romântico, a participação da Natureza "As flores foram prender-se / Nas suas mãos cor de cera" (7.ª est.).

Em resumo, uma cantiga imortalizando a história de um amor fatal e trágico, como são todos os amores dos Românticos.

x x x

Notas Marginais – porquê?

É o próprio Autor que nos explica o título desta primeira "Prosa Bárbara" num parágrafo de transição entre este poema incompleto e a primeira "nota marginal":

«Na margem do papel marcado, onde se viam ainda estes restos de uma velha cantiga, alguém escreveu estas notas desordenadas e bizarras.» (p. 158).

I

Ó doce cantiga dos namorados da beira do rio, tu és uma verdade sempre nova! Ainda hoje o triste anda penando nas águas escuras; e os teus olhos, ó serena rapariga, são eternamente falsos!

Não era assim que eu pensava no tempo daqueles nossos amores, ó nome que eu não escrevo! Daqueles amores tão doces, como a suavidade das nossas noites de Outono – tão coloridos e vagos como aquelas nuvens, que sempre no ar andávamos formando, e desmanchando!

A apóstrofe inicial desta "Nota" parece querer intemporalizar a verdade daquela "cantiga dos namorados da beira do rio", denunciando os olhos falsos da rapariga e a fidelidade sofredora do rapaz.

Tal como entre os Românticos, o Autor recorre à Natureza, para falar da ilusão e desgosto de amor do sujeito poético, através de imagens sinestésicas numa sequência de comparações e de metáforas que traduzem bem a evolução trágica do seu amor infeliz, num discurso lírico entrecortado por apóstrofes evocativas da sua efémera e enganadora felicidade.

III

E quando eu te via, não via mais as flores, nem as pombas, nem as estrelas: mas quando pensava em ti, via-te delicada como todas as flores, voluptuosa como todas as pombas, luminosa como todas as estrelas.

Esta "Nota" mostra a supervalorização da mulher amada em relação aos elementos da Natureza, apontados numa gradação vertical, de ritmo ternário, reforçado pelos advérbios de negação "não", "nem", tudo envolvido, uma vez mais, pelo valor afectivo contido na conjunção copulativa inicial "E":

"E quando eu te via, não via mais as flores / nem as pombas, / nem as estrelas./

A presença da amada consegue obscurecer o mundo natural circundante: "Ele" só tem olhos para "ela", tal como Garrett em "Os cinco sentidos" das *Folhas Caídas* – "Não te vejo senão a ti – a ti (1.ª estrofe).

Mas a sua ausência – "quando pensava em ti" – desencadeia no espírito do poeta uma tríplice comparação entre a amada e os elementos naturais anteriormente citados com valor negativo, mas agora subjectiva e positivamente recuperados, numa tentativa de definição da amada: "Mas quando pensava em ti, via-te delicada como todas as flores, voluptuosa como todas as pombas, luminosa como todas as estrelas."

XI

Foi debaixo das árvores. Voavam as pombas brancas. Das lágrimas das folhas nasciam as violetas. Os castanheiros grandes, e concentrados, ouviam subir a seiva.

Foi lá que me disseste aquelas palavras, que me pareceram uma blasfémia que te vinha do coração. Eu fiquei hirto e nulo, como um sacerdote esbofeteado pelo seu Deus!

O momento da ruptura amorosa é testemunhado por uma Natureza personificada, humanizada: «Das lágrimas das folhas nasciam as violetas: Os castanheiros grandes, e concentrados, ouviam subir a seiva.» «Voavam as pombas brancas.» – imagem visual, dinâmica, a indiciar, talvez, o desaparecimento da pureza e da paz de todo aquele amor.

Esse momento é evocado anaforicamente por um pretérito perfeito ponctual, se-

guido de expressões adverbiais de lugar: "Foi debaixo das árvores"; "Foi lá" (notar o deíctico textual). O repentino da acção é evidenciado pelas comparações do âmbito religioso a que recorre o sujeito poético para exprimir toda a sua surpresa pela profanação daquele amor que constituía para ele um verdadeiro culto: «Foi lá que me disseste aquelas palavras, que me pareceram uma blasfémia (…). Eu fiquei hirto e nulo como um sacerdote esbofeteado pelo seu Deus!»

Tais comparações contêm implícita a divinização da amada pelo infeliz amante, cujo pasmo doloroso está bem expresso na dupla adjectivação que constitui o nome predicativo do sujeito: «Eu fiquei hirto e nulo.»

XXI

Onde estará ela agora – a minha bem-amada, aquela criança de olhar profundo?

Era naquelas almofadas que ela se recostava: era por ali que ela passava, e as flores do tapete, sob a pressão dos seus pés, viviam e perfumavam.

A pé! a pé! meus desejos! Acordai, acordai, e ide buscar-ma! Acendei todas as estrelas, e ide procurá-la pelos caminhos escuros! Desgrenhai os cabelos verdes das florestas! Assoprai a espuma das ondas! Dispersai as multidões! Quebrai os encostos! Ide procurá-la pelos astros! Despedaçai as tendas aéreas onde vivem os sonhos!

Ide, ide, ó meus desejos todos! Eu ficarei esperando, solitário e silencioso, como um pombal de onde fugiram todas as pombas.

A dúvida ansiosa sobre o destino da sua amada está bem expressa pela interrogação inicial retórica, através da forma do futuro dubitativo: "onde estará ela agora – a minha bem-amada, aquela criança de olhar profundo?"

Toda a sua amargura pressente-se nos imperfeitos de aspecto cessativo do segundo parágrafo: "*Era* naquelas almofadas que ela se *recostava*: *era* por ali que ela *passava* e as flores do tapete, sob a pressão dos seus pés, *viviam* e *perfumavam*."

E o sujeito poético continua com um forte apelo dirigido aos seus "desejos", expresso pelo vocativo e por uma sequência de imperativos exortativos, de um dinamismo progressivo, contrastando com a sua atitude estática e desolada, mas apesar de tudo, de expectativa.

E a "Nota" termina pelo mesmo vocativo, mas desta vez intensificado pela interjeição "ó" e pelo indefinido "todos", precedido ainda de um imperativo quase suplicante, constituído por uma duplicação reiterativa: "Ide, ide, ó meus desejos todos!"

A solidão do sujeito poético está simbolicamente expressa por uma sugestiva comparação, envolvendo as ideias de vazio, pureza e ternura: "Eu ficarei esperando, solitário e silencioso, como um pombal de onde fugiram todas as pombas."

Seja-nos permitida uma simples divagação para A *Sibila* de Agustina Bessa-Luís.

"Pombal" – o "lugar vertigem" de Custódio, "o infeliz bobo", o "enjeitado", que Quina, a sibila, recolhera numa atitude de "caridade social" e em quem ela projectara toda a escala de sentimentos femininos de um amor frustrado.

"Pombal" – o lugar preferido de Custódio, onde ele passava horas e horas a afagar as suas pombas e a ouvir o seu terno arrolhar, numa atitude de evasão do mundo agressivo circundante, encontrando nelas uma compensação para a sua carência afectiva.

"Pombas" – símbolo de ternura, da reciprocidade do amor mais puro e pacificador. "(…) como um pombal de onde fugiram todas as pombas" – mas onde, talvez, ainda regressem um dia…

XXII

Perdi a minha bem-amada, e todo o céu está negro, e não há estrelas que me consolem! Só resta morrer.

(…)

Mas toda a expectativa do "eu" foi vã e inútil, pois nesta derradeira "Nota" aparece-nos um sujeito já convicto da perda da amada, porém inconformado e vendo a morte como única solução. Toda a sua desilusão e desgosto projectam-se na Natureza, que assim se assume como Natureza "estado d'alma" ou participante. O parágrafo termina por uma solução de natureza romântica, repassada de tragicidade: "Só resta morrer."

Segue-se um diálogo final entre o corpo e a alma, em que sobressai a crença de que o corpo transmigra: "Eu vou andar errante e perdido no mundo, por entre a matéria enorme. Vou andar nas árvores e nos astros, nas escamas dos peixes e na luz dos cometas; nas rosas e nos olhos das mulheres lascivas. Vou talvez cobrir as maiores tristezas vivas, ser a folhagem dos ciprestes e o farrapo dos mendigos!"

Quer dizer: tema da imortalidade dos átomos que compõem a matéria e da mortalidade da alma: «E tu vais sumir-te, ó alma doce e dolorosa!»

A alma, aceitando o seu destino e como que arrependida de ter seduzido o corpo a seguir o caminho das estrelas, responde: «Então não sabia ainda que havia de cair e desfazer-me como uma gota de água!», apesar de o corpo já lho ter profetizado. «Adeus para sempre! Ó exilada divina, tu vais morrer! Ó flor dos sonhos, tu vais desfazer-te com todos os teus aromas!»

A transmigração dos átomos está expressa na condicional final proferida pela alma: «Se nas tuas peregrinações através da matéria, encontrares os átomos daquela que eu tanto amei, não te juntes com eles; porque se vos juntardes no cálice de uma flor, a flor há-de mirrar-se; se for na luz de uma estrela, a estrela há-de apagar-se; se for nas águas do mar, o mar há-de gelar-se.»

Ligada à imortalidade da matéria está, como se vê, a influência das vidas antes vividas: os átomos transmigram para outros corpos, mas não morrem e guardam nas suas metamorfoses sucessivas uma certa lembrança das formas por que passaram.

III
TEMÁTICA DAS *PROSAS BÁRBARAS*

Após o estudo da I Prosa Bárbara, intitulada *Notas Marginais*, procuraremos, agora, fazer uma síntese dos principais temas detectados nesta obra queirosiana.

1. Tema da imortalidade da matéria e da mortalidade da alma

É um dos temas fundamentais das *Prosas Bárbaras*. Tema de natureza religiosa, vagamente panteísta, surge intimamente ligado ao tema da reincarnação, pelo que serão tratados em conjunto.

A matéria é imortal e a alma é um mero epifenómeno da matéria. Aparece como uma sombra, como uma acompanhante do corpo e, por isso, é mortal.

Quando o homem morre, a matéria, formada de átomos, não é aniquilada: os átomos transmigram para outros corpos, metamorfoseando-se. Embora difundidos, guardam uma saudade e recordação das vidas anteriormente vividas. Estamos perante o tema da reincarnação que aparece também no primeiro folhetim *Notas Marginais*, já analisado.

Esta crença mística surge ainda nos folhetins: *A Ladainha da Dor, Os Mortos e Misticismo Humorístico.*

A Ladainha da Dor – Este tema aparece, aqui, unido ao tema da música, re-

presentado por Berlioz, trabalhando na sua sinfonia *Harold*, e por um pintor que virá a enlouquecer, morrendo num hospital, acompanhado por uma enfermeira extraordinária, "doce e pura", que ouviu o seu último legado, onde se evidencia o pampsiquismo da Natureza:

«Deixo o meu corpo aos rios, às árvores, às abelhas, aos montes, às searas, a toda a Mãe-Natureza.» (p. 109).

Esta Prosa Bárbara começa pela carta deste pintor a Berlioz, falando do seu amigo Lyser, também pintor, e que traçara o retrato de Paganini, guiado pelo Diabo:

«O pintor Lyser voltou da Boémia (…). Pedi-lhe o retrato de Paganini como tu querias, mas ele disse-me em segredo que fora o Diabo que lhe guiara a mão naqueles traços, e que ia conservar uma lembrança do Diabo, seu velho amigo.» (p. 97).

Quer dizer, a figura de Paganini aparece ligada a uma realidade misteriosa.

As atitudes de Lyser, dominado pela sua "triste loucura", depois da morte da irmã, são-nos descritas com tonalidades marcadamente românticas, diríamos mesmo ultra-românticas, dada a atmosfera lúgubre, macabra, sepulcral que o envolve, quer no dia do enterro, quer dias depois:

«Nessa noite em que a irmã foi enterrada, ele foi sentar-se junto da cova tocando as velhas árias de Lully, e de vez em quando compunha as dobras de um xale que tinha lançado sobre a sepultura. Assim esteve perdido numa saudade mais doce que a lua, e mais profunda que a noite. Como o céu estava nublado, ele dizia, de vez em quando à cova: - Não tenhas pena, cá fora nem estrelas há.» (p. 98).

«Dias depois voltou ao cemitério e o coveiro não o deixou entrar: o pobre Lyser ficou junto das grades com os olhos cheios de lágrimas. – É uma coisa de pressa que tenho a dizer a minha irmã – dizia ele com a voz passada de suplicações. O coveiro estava dentro falando com uma mulher de cabelos cor de vinho; e como a quisesse prender num abraço bárbaro e rijo, a rapariga, ao fugir-lhe, caiu sobre uma sepultura toda coberta de violetas; o coveiro ergueu-a, sacudiu-lhe a terra dos vestidos, e deu com o pé rude na terra da sepultura resmungando: - Malditos tropeços!

Por fim, veio abrir a grade enferrujada ao pobre Lyser e com uma grande voz: - Vá, que já não são horas de entrar sem licença. – Lyser sumiu-se entre os ciprestes, debruçou-se sobre a cova e escreveu na brancura da pedra: Luísa, se lá em cima encontrares a estrela Vésper, pergunta-lhe de que tintas se faz o cor-de-rosa da tarde e os reflexos de roxo-pálido; preciso sabê-lo: ontem dei o teu xale branco a uma pobre: diz-me se queres que te traga alguns dos teus vestidos: olha, se passares de noite por estas alamedas não te aproximes da casa do coveiro, vive lá uma má mulher.» (pp. 98-99).

Este pedido de Lyser à irmã morta, para que pergunte à estrela Vésper o segredo de pintar os poentes, revela a sua crença numa arte com origem metafísica.

Quando Lyser se convence da morte da irmã, dirige, num registo de discurso modalizante, um pedido estranho ao autor desta carta, só explicável pela crença na metempsicose dos corpos:

«(…) peço-lhe uma coisa, que quando tiver alguma camélia não a esmague, talvez seja feita do seio da pobre rapariga. (…) Nem as violetas, talvez sejam feitas dos olhos dela.» (p.99).

Lyser acredita que os mortos revivem sob outras formas de existência: nas camélias, nas violetas, nos rainúnculos e até nos cheiros bons e na Primavera.

E num arrojo de imaginação, trespassada de volúpia, Eça recreia-se a fantasiar toda uma natureza personificada em que as flores, revelando segredos de amores passados, saem dos vasos, formando desenhos que se assemelham a um corpo feminino. (p. 100).

É, de facto, extraordinário o poder criativo do Eça desta fase… «Para ele, sonhar fantasias é uma recreação espiritual.»[1]

A morte nas *Prosas Bárbaras* anda associada à sensualidade, à volúpia, como em Gérard de Nerval.

Esta Prosa Bárbara remata com a morte do homem a quem foi escrita esta carta. Apesar de viver na boémia, a sua "alma não se maculou com os contactos do corpo" (p. 108).

«Aquele pobre rapaz vivia numa trapeira, onde trabalhava sem sol, naquelas alturas silenciosas e castas onde vivem e crescem as flores do bem: depois enlouqueceu e foi recolhido a um hospital: e ali era sagradamente velado por uma enfermeira doce, delicada e branca como uma Virgem de ouro fino de um livro de legendas: o pintor, que, como o seu amigo Lyser, ainda depois de doido desenhava, pediu um dia à enfermeira a sua touca engomada e lisa, e com um lápis desenhou ali, como um agradecimento de alma, toda a sorte de delicadas imaginações – asas abertas, coroas de folhagens, ondas que vinham beijar um pé branco, coroações de caridades.

Uma noite a enfermeira ouviu um gemido, e veio encontrar o pobre pintor com as mãos postas diante de um retábulo alumiado; a doce rapariga cuidou no seu coração que ele se encomendava à Virgem; escutou: o pobre rapaz doido estava rezando ao seu velho amigo Cláudio Loreno; quando sentiu a enfermeira, voltou-se, e disse-lhe quase a chorar: - Deixo o meu corpo aos rios, às árvores, às abelhas, aos montes, às searas, a toda a Mãe-Natureza. – Depois curvou-se, beijou a orla do vestido da enfermeira e ficou-se enroscado no chão, nas últimas frialdades.

A enfermeira pousou a luz do retábulo junto do corpo, tirou a toalha da Virgem e estendeu-a sobre a face pálida do triste, transfigurada nas últimas formosuras.» (p. 109).

Os Mortos – Este folhetim, inspirado pela comemoração do dia de Finados (Novembro de 1866), documenta bem as "Sagradas transfigurações", que conduzem à imortalidade dos átomos e, consequentemente, à felicidade dos mortos:

«Ontem foi o dia dos mortos, os mortos são felizes. Enquanto nas dolentes celebrações da Igreja, ao pé dos altares luzentes, diante de Jesus roxo e descarnado, os tristes e os simples rezam pelos seus queridos mortos, eles andam dispersos pela grande Natureza, pelas florestas esguedelhadas, pelas espessuras sonoras, pelas uberdades da seiva, pelos sulcos fecundos, por todas as verduras de acre cheiro.

A sua carne sofreu, empalideceu nos medos, coloriu-se com as febres, engelhou-se nos frios; mas agora anda, repousada e sã pelas frescas vegetações, pelos frutos coloridos, na luz selvagem e vital do sol, nos átomos da noite constelada e suave.»(p. 113).

O autor analisa o destino dos que morreram com febres, dos que morreram no mar ou nos montes:

«Os que morreram nos apodrecimentos das febres desfizeram-se nas terras fecundas sob as eflorescências limosas, foram sugados pelas raízes e, confundidos com a seiva, vêm outra vez para o sol, sob a forma de frutos, de corolas, de ramagens ondulosas.

Os que morrem sobre as águas do mar desfazem-se entre os verdes embalos, entre as areias, os corais, as conchas, as foliações dos rochedos, e vêm depois, sob a forma de ondas, embalar-se serenos ao sol, ou de noite estirarem-se ao peso da moleza que escorre dos astros, ou de madrugada, cantando com barbaridades de rainhas e doçuras de santos, acalentarem o povo dos pescadores

[1]Citado por Lilás dos Santos Carriço – Literatura Prática, 2.º ano, Curso Complementar, Porto, 1974, p. 450.

silencioso e trigueiro.

Os que morrem sobre os montes, como os pastores contemplativos, são consumidos pelo sol; e andam dissipados pela luz hierática das estrelas, pelos vapores moles das nuvens, pelas auroras; são os átomos da luz, serenos, fecundos, consoladores e purificadores.

Assim os mortos são felizes.» (pp. 113-114).

Se os mortos são felizes, não há razão para temermos a morte.

E termina pela glorificação da Natureza:

«Por isso os mortos são felizes porque andam longe da forma humana onde há o mal, pela grande Natureza santa, onde só há o bem, na pureza, na serenidade, na fecundidade, na força.» (p.114).

Vejamos como o corpo lançado à terra sofre a "metempsicose do bem":

«Bem-aventurados os que vão para debaixo do chão porque vão para uma transfiguração sagrada. Mal caem sobre eles as últimas pazadas de terra e o canto dos padres (…), o corpo fica só na plenidão da noite e do silêncio perante a grande vegetação esfomeada; (…) e o corpo transformado vê outra vez o sol (…) e vive sereno, repousado na floresta imensa.» (p. 115).

Igual sorte não tem o morto encerrado num caixão de chumbo, diz Eça ironicamente.

De notar o tom apologético em relação ao nosso convívio com a Natureza e aos atributos desta.

E a terminar, uma exortação naturalista, matizada de um certo panteísmo:

«Assim, é na Natureza que devemos ir procurar as consolações, estremecer com os amores mortos, chorar no seio das maternidades passadas. É na Natureza que se deve procurar a religião: não é nas hóstias místicas que anda o corpo de Jesus – é nas flores das laranjeiras.» (p. 117).

Este folhetim sublinha a crença de que o mal reside unicamente na alma e de que o bem reside na matéria, na Natureza.

Misticismo Humorístico – O Autor continuando a dar provas da sua fantástica imaginação, através de descrições comentadas de matiz ultra-romântico, trata o mesmo tema da transfiguração do corpo e da morte da alma.

Acompanhemos o narrador, quando ele atravessa um cemitério sinistramente banhado da luz crepuscular:

«Passei por um cemitério. Andava um coveiro abrindo covas. Tinha um rosto inerte e animal (…).

O coveiro é um semeador. Semeia corpos. Somente não tem a esperança nem o amor das colheitas. Quem ceifará aquela plantação crescida? Quem sabe se os corpos que se atiram à bala, sementes fúnebres, se abrem, lá em cima, em searas divinas de que nós apenas vemos a ponta das raízes que são as estrelas? Mas não. A alma morre. O corpo revive e dissipa-se na matéria enorme.» (p.166).

Uma vez mais estamos perante a transfiguração dos corpos e consequente imortalidade da matéria.

Uma vez mais, também, se destaca que o mal reside na alma; o bem na matéria, na Natureza: «É na alma que estão as más vontades, os negros remorsos, as lacerações do mal: o corpo desce livre, novo e são para as uberdades limosas das covas.» (p. 166).

2. O homem – elemento discordante na grande harmonia da Natureza

A Natureza espiritualizada e panteisticamente entendida é a grande personagem das *Prosas Bárbaras*. O homem ocupa apenas um lugar de segundo plano. Eça sugere que o homem com as suas paixões ruins, desejos, cólera e ódios é capaz de macular o que inicialmente era bom.

Este tema é especialmente tratado em "*O Lume*", "*Memórias de uma Forca*" e "*Entre a Neve*".

O Lume – O lume "originariamente bom", como diria Rousseau, foi o companheiro do homem desde os primeiros tempos – deu-lhe calor, luz, vida, felicidade – até à hora da morte:

«Sou eu, diz a voz, eu, o teu velho camarada. Sou eu, o teu velho Deus misterioso. Eu que te quero bem, e que te dei o que há em ti de grande e justo – a família e o trabalho.» (p. 239).

«Era ao pé de mim que tu descansavas dos teus bárbaros trabalhos, no princípio, quando a vasta Natureza te combatia. E eu era um amigo único, aliado radioso. E eu tive confidência dos teus primeiros beijos. E eu sabia as tuas dores e os teus medos.» (p. 240).

E mais adiante:

«Quando morres e a tua alma vai partir, eu alumio-lhe o caminho de Deus. Eu cerco Cristo nos altares, para que tu o vejas bem. Quando andas no mar, eu sou junto das praias o grito de luz que te chama.» (p. 244).

Finalmente, o lume, não podendo conter o seu sofrimento por tanta ingratidão por parte do homem, lança uma interrogação retórica, à qual ele próprio responde:

«E o que fazes tu em paga deste amor que se dá, que cria, e que purifica? Esmagas-me. Fazes-me o escravo das máquinas. A mim que embalava as almas, fazes-me mover os aços. Embalo o que era amor, o movimento que é força: os dois termos da tua vida – pureza e putrefacção! Eu que vivia, alumiava, criava em liberdade, estou encadeado e martirizado na tarefa brutal das indústrias. Fazes-me o motor da tua miséria. Nas fábricas, as criaturas doentias, as crianças estioladas, as mulheres definhadas e soluçantes. Fazes-me mover a vapor estas misérias. Sou colaborador dos teus martírios. Tu, homem, tomas o fogo, o ser sagrado, por ajudante de execuções! Dás-me por salário a infâmia. Fazes de mim explosão. Obrigas-me a devastar na guerra!

Eu que sou a pureza, o trabalho, a família, a paixão casta: levas-me a ser o mal, a viuvez, o pranto e a dor! Tenho um cortejo de ambulâncias e de macas, eu que era o firmamento dos berços! Não! Maldita seja a árvore que consentir em ser forca, e o fogo que consentir em ser explosão.» (p. 244).

Quer dizer, o homem ingrato transformou o lume em instrumento de morte e destruição. Assim, ele foi fogueira que queimou os homens, foi utilizado nas fábricas onde tantos homens e mulheres sofrem, vítimas da exploração, foi elemento de devastação na guerra. Enfim, o homem utilizou o lume para fins criminosos.

Este folhetim realça a oposição entre a pureza e a bondade originárias do lume e a sua transformação, por acção do homem, em "mal, pranto e dor", terminando por uma súplica humilde do lume ao homem.

Memórias de uma forca - Tanto neste folhetim como no anterior – *O Lume* – o homem é apresentado como um ser que vem inserir o pecado, a culpa no seio da Natureza.

Ambos os folhetins se integram nesta visão filosófica naturalista e, de certo modo, anti-humana.

A forca diz-nos que descendia "de uma antiga família de carvalhos, raça austera e forte", mas o pai "era uma árvore materialista", "era o grande libertino da floresta pensativa", desrespeitando assim as leis morais, religiosas e pátrias.

Por isso, nenhum dos seus filhos fora feliz: um – foi palco de palhaços, outro – tábua de esquife; e ela, o mais lastimável dos ramos – forca.

Fala-nos da sua vida desde pequeno: «Eu só queria o bem, o riso, a dilatação salutar das fibras e das almas». (p. 272).

E mais adiante: "Eu queria proteger todos os que vivem" (p. 273): orvalhava as violetas que viviam debaixo dele, agasalhava os pássaros dos rigores dos temporais, agasalhava a chuva, fora o confidente de um rouxi-

nol enamorado que «de dor e desesperança se deixara cair na água», fazendo-nos lembrar o rouxinol da *Menina e Moça* de Bernardim.

Porque "tinha de entrar na vida da realidade, foi arrancado da árvore, transportado num carro de bois, deitado e amarrado, sentindo-se desfalecer, à medida que se separava da grande floresta e se aproximava da cidade, começando, então a sentir "o cheiro mortal do homem". (p. 274).

Arremessado para um pátio sem "azul" nem "ar", começou a compreender que "uma grande imundície cobre a alma do homem". (p. 274).

É também aqui evidente o velho tema da oposição campo/cidade, mais desenvolvidamente tratado pelo próprio Eça em a *Cidade e as Serras* e em toda a nossa Literatura por influência horaciana, desde a "aurea mediocritas", aconselhada por Sá de Miranda ao seu amigo António Pereira, senhor de Basto, até às *Odes* de Ricardo Reis ou ao viver tranquilo de Caeiro, numa "casa caiada de branco", "no cimo de um outeiro", longe do horizonte fechado pelas casas citadinas:

«Na cidade as grandes casas fecham a vista à chave.

Escondem o horizonte (…)» - Poema VII.[2]

Intrigado sobre o seu destino, o ramo da árvore relembra a boa sorte dos que se transformam em lenha ou vigas da casa do homem, aquecendo-o e sendo testemunha de diversos mundos de amor ou então mastro de navio, viajando através das águas e do infinito.

Mas o seu destino era bem diferente – ele iria ser forca, matar: «Eu ia dar esses negros frutos: os mortos!» (p. 275).

Vale a pena transcrever as amargas queixas daquela que de antiga "companheira dos pássaros" iria transformar-se na "eterna companheira das agonias":

«O meu orvalho seria de sangue. Ia escutar para sempre, eu, a companheira dos pássaros, doces tenores errantes, as agonias soluçantes, os gemidos de sofucação! As almas, ao partir, rasgar-se-iam nos meus pregos». (p. 275).

As árvores colocadas «por Deus na floresta para abençoar a terra e a água» (…) eram «obrigadas pelo homem a estender o braço da forca para abençoar os carrascos». (p. 277).

Quer dizer, foi o homem que maculou a alma boa da árvore, foi a maldade do homem que perturbou a grande paz do Universo. Se não fosse o homem, a árvore não sentiria remorsos de torturar tantos homens – ela enforcou um pensador, "combatente da luz"; um ladrão, operário sem trabalho que roubara para alimentar a família…

Toda a Natureza – o sol, as nuvens, o vento, a vegetação – acompanhava a forca no seu martírio. Há aqui um forte sentimento de humanitarismo contra a violência do homem, elemento desestabilizador da paz da Natureza.

Entre a Neve – Conta-nos o fim de um pobre lenhador que, numa madrugada de neve e frio, partiu para a floresta com o seu machado à procura de sustento para a mulher e os filhos que, esfomeados, confiavam no seu regresso, como habitualmente, carregado de feixes de lenha.

Vejamos como Eça descreve a acção do infeliz homem contra as árvores que vai deitando abaixo:

«O lenhador atirou o machado negro contra o tronco do carvalho e toda a árvore imensa ficou tomada de vibrações dolorosas: e as suas ramagens estenderam-se caídas, sem vida e sem força, estenderam-se pelo tronco como para se verem morrer sem gemidos, num silêncio soberbo e selvagem.» (p. 125).

[2]Fernando Pessoa – Poemas de Alberto Caeiro, Edições Ática, Lisboa, 1979, 7.ª edição, p. 30

A acção do lenhador é vista como um morticínio de pessoas vivas, como um pecado. O homem vem atentar contra os direitos da floresta, cujos elementos se unem numa atitude de protesto que atinge o seu clímax com a morte do homem, sepultado pela neve que cai ininterruptamente.

Ainda no folhetim *Poetas do Mal*, Eça aborda o mesmo tema a propósito de Pöe, Baudelaire e Flaubert, homens que "só vêem o mal". (p. 89).

«Eles abafam nestas atmosferas pesadas com o fumo das indústrias. A Natureza está vazia: as florestas meneiam a sua cabeça louca e frouxa; o céu tem o calmo olhar dos idiotas, os rios vão sempre fugindo e cantando como os amores das mulheres. Eles não podem derramar a alma nas bondades errantes que a Natureza tem; a Natureza mesmo quase que já não existe; perdida como está entre as edificações, as granjas, as indústrias, as fábricas, os estaleiros, os circos – parece uma pouca de erva passando esmigalhada entre os dedos de um homem». (p. 90).

3. Tema dos deuses mortos

Este tema, que há-de permanecer em Eça, está relacionado com a religião.

Eça é, sobretudo, influenciado por dois livros, então muito em voga no meio literário de Coimbra: *A essência do Cristianismo*, de Feuerbach e *Os Historiadores Críticos de Jesus*, de Renan.

No primeiro, explica-se a criação dos deuses, segundo a consciência que o homem tem das suas próprias fraquezas. Quer dizer, o homem sentindo-se fraco, projectou em crenças metafísicas o seu desejo de ser forte.

Esta concepção destruía qualquer espécie de transcendentalismo, originando uma filosofia da imanência: os deuses não existem; o que existe é o homem com as suas crenças, donde resulta a criação dos deuses.

No segundo, se não se nega a existência histórica de Jesus, nega-se a sua natureza divina.

Este tema dos "deuses mortos" está representado nas *Prosas Bárbaras* em diversos folhetins: *Sinfonia de Abertura, O Milhafre, Mefistófeles, Macbeth e O Senhor Diabo.*

Sinfonia de Abertura – Neste folhetim o narrador detém-se sobre as viagens dos deuses desde "o tempo de Elora até à cruz de Jesus", isto é, desde a fúria até ao amor, desde a «matéria negra e enorme até às serenidades vivas, para além das nuvens, das estrelas e dos caminhos lácteos.» (p.63).

A Arte esteve sempre ao serviço dessa "coorte imensa dos deuses", através das suas manifestações na Índia (templos nas montanhas), no Egipto (arquitecturas lívidas e frias – esfinges e pirâmides), na Grécia (templos harmoniosos e serenos), e por fim nos templos góticos, dando à pedra "todas as aspirações do espiritualismo", fazendo deles a "morada suspensa dos espíritos".

Depois, "dispersou-se em sons", nascendo assim a música, na Alemanha, com Lutero, que procurou salvar a "alma alemã" católica, do desfalecimento em que se encontrava.

Com a aproximação da Renascença, "que vinha cheia de rebeliões da carne", "a música, que é a alma, o espiritualismo", "sumiu-se".

Segue-se uma análise da Reforma e do Renascimento e respectivas consequências na Europa.

Que acontece ao homem no meio de tudo isto?

«O homem sente-se como possuído pelo demónio Legião. Sente as inquietações descoradas, os abatimentos dolorosos, os amores infinitos, as ambições nevrálgicas, as imaginações lívidas, toda uma amontoação apocalíptica de estranhas vitalidades interiores. Vai pálido. Quem é ele? É aquele que sofre. E o infinito que ele tem em si tortura-o como a presença de Deus torturava as sibilas

antigas.» (p.68).

E mais adiante:

«O mal passava ainda, nas suas façanhas fulgurantes enredando nos vícios e nas tentações, fixando no homem o seu olhar fúnebre através das transparências doentias da noite, batalhando com as almas e fazendo-lhes a chaga incurável do pecado. E então, como que nasceu uma convicção tenebrosa: a impossibilidade do libertamento. Erguiam-se os braços magros e suplicantes: olhava-se pela Terra, a ver se não viria alguém da parte da Natureza, um monte, uma floresta, um mar, um vulcão, que tomasse o homem pela mão e lhe dissesse com a bonomia dos monstros: *Vem, eu te protejo.* Nada.

Nasceram então tristezas vagas como o luar, profundas como a noite. A Terra ficou como se o lençol de Cristo tivesse sacudido sobre ela os seus suores e as suas frialdades. – Luzia um grande Sol, mas negro, o Sol da melancolia. Nem largos risos, nem bênçãos fecundas. A mocidade, pálida e nervosa, sofria, ajoelhava, torcia os braços, e um dia morria, e ia como uma vaga forma húmida errar no céu dos fracos.» (p.68).

Novamente uma referência ao "Sol, mas negro, o Sol da melancolia".

«Houve um momento em que a Terra moderna foi como o antigo vale de lágrimas da Imitação: as almas queriam voar para o cimo onde está o ideal, sereno, branco, consolador e purificador. Debalde. Como aquele saltimbanco esfarrapado e lívido, que queria fustigar o tecto de lona com os seus cabelos soltos, e que caía sempre nas poeiras entre os esgares da populaça, os novos também queriam soltar-se, em impulsos nervosos, rasgar o azul, rolar pelas estrelas, e caíam, ofegantes, suados, lacrimosos e desolados.» (p.69).

A eterna luta entre o ideal e a dura realidade.

E todos os sofrimentos do homem moderno, todas as desesperanças, melancolias, incertezas, aspirações, «os lirismos desta época pálida e doentia se resumem num "tipo soberano" que se chama "Fausto, Manfredo, Lara, Antony, Werther, Rolla, D. Juan".

«O D. Juan de Molière é ateu, incrédulo, aceita os nervos como religião e a devoção como uma ironia.» (p.69).

«O D. Juan de Mozart esse tem uma lista de três mil namoradas: e todavia vai pelo mundo, angustiado e inconsolável, procurando a esperada do seu coração, como um sacerdote perdido que anda perguntando pelo seu Deus.» (…)

«Ele embala nos seus braços moles de languidez as trigueiras, as louras, as joviais, as melancólicas, as castas, as fortes, as impuras, as nocturnas, as luminosas e as esfarrapadas. Depois soluça baixo como numa penitência.» (p.70).

E uma vez mais, o tema da música, como expressão das dores do homem:

«O que tem? Não perguntaram? Tem a nostalgia do infinito.

O indefinido daquela alma revelada pela Arte eis aí a música.

Por isso ela é a voz espontânea de todos aqueles que, como D. Juan, andam curvados, esfomeados de ideal, nocturnos, empalidecidos pela lua.

Todas as tristezas deste tempo encontram na música o respiradouro do livre azul ideal e vivo: e nas horas da dor, vão ali respirar aquele ar, onde derramadas as consolações divinas. Assim a música aparece neste século como uma voz inesperada em que se entendem os desconsolados. E os desconsolados foram toda uma mocidade pálida e nervosa, toda uma Primavera sagrada! Poucos foram os fortes, os serenos, de largos risos sonoros e de seios de heróis.

As almas tinham tomado as qualidades da noite, o vago, o silêncio, a tristeza e o esvaecimento!

A música saía espontâneamente destas dores que se queriam exalar como outrora saiu do choro rítmico de Rama todo o divino poema da Índia.» (p.71).

O Milhafre – Este é um milhafre "filosófico e letrado", em cujo bico o narrador "dependura" certas verdades por não as "poder pôr na boca dos homens". (p.180).

Eça classifica a sua narrativa pondo em destaque a seguinte frase: « S e j a - m e permitida uma pequenina fábula.» (p.174).

A propósito, transcrevemos parte do que se lê no Dicionário de Narratologia sobre o conceito de fábula:

«Se é certo que a **fábula** releva de origens culturais vetustas (provindo de Esopo, no séc. VI a.C., e de Fedro, no séc. I d.C.), a verdade é que modernamente ela está muito longe de constituir um género narrativo com projecção sociocultural efectiva. Em épocas de imitação classicizante, como ocorreu com La Fontaine, no Classicismo francês, a **fábula** ocupou, de facto, um lugar importante, deslizando por vezes para o domínio da reflexão filosófica de recorte literário; e entre nós, também escritores como Garrett e João de Deus, de forma notoriamente episódica cultivaram com propriedade a **fábula**. Modernamente, no entanto, a literatura tende a retrair ou a ocultar esse pendor abertamente moralizante que outrora se reconhecia na fábula; e nem aparentes afinidades de processo devem levar a pensar num recrudescimento do género em causa. Dos Bichos de M. Torga dificilmente se dirá serem **fábulas** estritas: de facto, a presença de animais é só por si insuficiente, por um lado, para determinar a existência da **fábula**; por outro lado, os relatos em questão definem-se antes, pela sua estrutura e economia interna, como **contos** (…).»[3]

Este relato de Eça leva-nos também a pensar no recurso a figuras irresponsáveis a quem tudo é permitido dizer, pela sua inconsciência, como acontece com o "parvo" vicentino e o louco ou o ébrio, atrás de quem muitos autores se escondem para transmitirem mensagens mais ousadas ou "incómodas".

Mas vamos à "fábula".

Ao fundo de uma sala de uma velha casa arruinada, encontra-se um Crucifixo, envolto em teias de aranha e roído pelos ratos. Junto da mão cravejada do Cristo, um milhafre enorme.

Assistimos, então, a um profundo diálogo, entre um homem que ali entra e que, ao ver assim a imagem se dispõe a limpá-la, e o milhafre, dotado da «antiga voz dos animais da Bíblia, do Apocalipse e dos livros dos profetas.» (p.176).

Ouçamos a voz misteriosa da ave:

«Homem, deixa a cruz sossegada!»

E logo enfaticamente:

«Deixa a cruz, deixa, não tenhas medo que apodreça. Lá em cima luzem agora estrelas, sóis, planetas, cintilações, carbúnculos. É o pó dos deuses mortos. Todos se finaram, histriões ensanguentados, e a sua farsa acabou em desterros.

Morreram velhos, expulsos, esfomeados e nus.

Este ficou, solitário, alumiando. Ele perdoou enquanto os outros lutaram, ele amou enquanto os outros choraram, por isso fica enquanto os outros passam. Deixa. Esta cruz que é de madeira vale tanto como as que lá em cima fazem os raios dos astros, ou no silêncio dos mirtos dois olhares bem-amados.» (pp.176-177).

No fim de incitar o homem a deixar aquela Cruz com "as aranhas, o pó, os bichos, o apodrecimento" justifica essa exortação através de um paralelo entre os actos divinos de amor e perdão e as ofensas dos homens.

Prossegue com uma comparação entre as cidades e as consciências: «As cidades são limpas e caiadas, só as consciências é que têm nódoas; as praças estão cheias de ilumi-

[3]Carlos Reis e Ana Cristina M. Lopes – Dicionário de Narratologia, Coimbra, 1987, p.153.

nações, só os corações é que estão escuros; os cais estão arejados, só os espíritos é que sufocam; os corpos estão sãos, cobertos de estofos, frescos e resplandecentes, só as almas é que andam nuas, miseráveis e leprosas.» (p.177).

Por fim, lança por meio de disfemismos metafóricos uma acusação à humanidade materialista, terminando com duas interrogações retóricas, seguidas de considerações de natureza reflexiva:

«Oh amigos íntimos dos vermes, como vós cuidais do corpo, e o lavais, e o amaciais, e o engordais – para a pastagem escura das covas!

«Homem, que fizeste tu da alma? Ao príncipio não era conhecida, depois foi vendida, depois foi apupada, tu, modernamente, julgaste melhor matá-la – mas não certamente de cansaço com viagens a Deus! Deste-la a despedaçar à negra matilha do mal.» (pp.177-178).

E criticamente, continua com ironia perspicaz:

«Em compensação, guardaste o corpo: para esse uma religião, um asilo forte como o sol, os sete selos da lei e a escolta dos regimentos. Esse é o sagrado, o imaculado, o pontificial, o vitorioso. Proibição a Deus de lhe tocar. Para ele palácios, cortejos, serralhos, estofos, pedrarias, o sol e a iluminação dos astros. Para ele a inviabilidade: Não matarás! (p.178).

E mais abaixo, a segunda questão:

«Homem, que fizeste tu do pensamento?

Ando expulso, perseguido e sublime como um deus antigo. Cravaste-lhe no seio as sete dores. Coube-lhe a dor e o escárnio.» (p.178).

Estas respostas envolvem nitidamente uma crítica de intenção social, o que prova já a capacidade de análise de Eça da realidade circundante, que trataremos mais adiante.

Mefistófeles – A propósito da execução desta ópera de Charles Gounod, no S. Carlos, em 1867, Eça diz:

«Criação magnífica esta de Mefistófeles, que ficará gravada na história da arte (…)!

E se é certo que o Diabo morreu, e que já lhe fizeram o epitáfio, e que as suas imagens são estátuas que o homem lhe ergue, e que, depois de morto, teve para dizer a sua beleza Milton, e para dizer a sua tragédia Dante, se é certo que se foi juntar, no vasto cemitério azul onde os sepulcros são astros, aos finados enormes, que foram os deuses da Índia, do Egipto e da Grécia, se é certo que é por ele morto que o mar geme, e que as florestas rezam, se é certo que ele morreu, o bom Diabo – é também verdade que esta criação de Mefistófeles, por este artista – é uma ressurreição, e que todas as noites o velho Satã vem, como no tempo dos seus amores vestido de escarlate, contar sobre uma cena resplandecente, entre as instrumentações esplêndidas – a sua velha legenda da tentação!» (p.253).

Macbeth – A terminar este "Folhetim", mais uma alusão aos "deuses-mortos":

«As grandes figuras históricas vão-se: os Tiranos vão-se: os Deuses vão-se, vai-se a Arte.

Agora os Deuses e os Tiranos andam lá em cima pela imensidade negra; os Deuses arrastando-se na poeira luminosa; os Tiranos levados serenamente por um vento do infinito, serenos com as mãos sobre a espada. Às vezes encontram-se lá em cima, e vão, por entre as ténebras da noite, contando as suas antigas façanhas flamejantes; e os olhares dos Deuses e os sorrisos dos Tiranos riscam a noite de sangue. Por vezes uivam comandos de batalha, e fazem as iluminações todas sonoras e oscilantes como uma floresta, e as suas respirações cansadas dobram os fantasmas do vento. E depois os Reis, conchegando as suas púrpuras rotas e desbotadas, e os Deuses segurando os seus diademas de falsas estrelas, apontam sobre a terra negra, adormecida em baixo, os lugares onde eles passaram nas glórias e nos triunfos, e só se vêem nesses lugares cinzas, fumos que sobem, evaporações de sangue, virgindades perdidas, cúpulas pesadas de igrejas, vapores de lágrimas perdidas, amontoações trágicas de sombra.» (pp.85-86).

O Senhor Diabo – Nesta "Prosa Bárbara", o Diabo é-nos apresentado como um "diabo-saudade", já velho e desgastado, encarando a morte próxima:

«O Diabo ao mesmo tempo tem uma tristeza imensa e doce. Tem talvez a nostalgia do Céu!» (p.198).

Antes de narrar a última aventura amorosa do "Senhor Diabo", Eça diz-nos:

«O Diabo foi celebrado na sua morte, pelos sábios e pelos poetas. (…) Milton disse a sua beleza e Dante a sua tragédia. Os monges ergueram-lhe estátuas. O seu sepulcro é a Natureza.» (p.199).

A narrativa termina quando o Diabo, reconhecendo a sua velhice e incapacidade de amar, diz ao seu pajem:

«- É esta a minha última aventura. Vou para o meio da Natureza, para junto do livre mar, pôr-me sossegadamente a morrer.

- Também os Diabos se vão! Adeus, Satã!

- Adeus, Ganimedes.» (p.209).

Impressionam-nos as últimas reflexões do Diabo, junto de uma cruz de pedra, reconhecendo o abandono e solidão comuns, mas a superioridade de Cristo:

«- Estás também deserto. Os infames pregaram-te e voltaram-te as costas! Foste maior que eu! Sofreste calado.» (p.209).

Impressiona-nos, também, a grande risada melancólica, introduzindo o seu cântico final, acompanhado a guitarra:

«Chegará o Outono ao Diabo?
Virá o Inverno a Jesus?» (p.210).

Terminamos o estudo deste tema, citando Jaime Batalha Reis, na sua conhecida "Introdução" às *Prosas Bárbaras*:

«E assim, após os belos deuses de mármore, que se escondem fugitivos nas florestas ainda enevoadas dos sonhos de religiões anteriores, os anjos sublimados ou réprobos do cristianismo – a própria ironia espiritualista de Satanás, a própria pálida e doce figura de Jesus – vão igualmente perder-se e ser esquecidos: morreu a fantasia. São fúteis todas as ilusões. Reina o cálculo demonstrável.» (pp.33-34).

Maria da Conceição Nogueira

Nota: Por falta de espaço, este artigo será concluído no próximo número.

ATIVIDADES DOS EQUIPAMENTOS SOCIAIS

Lar de Terceira Idade

CANTAR AS JANEIRAS – DIA 7 DE JANEIRO DE 2019

O Lar de Terceira Idade cumpriu a tradição, iniciando, mais uma vez, o ano a "Cantar as Janeiras". Com um grupo composto por utentes e colaboradores, vestidos a preceito e de instrumentos na mão, percorreram, no dia 7 de janeiro, alguns Centros da SCMVC, para desejarem as boas festas e animarem quem lá se encontrava. Com música e letra adaptadas pelos utentes, foi um dia bastante agradável e divertido.

Utente D. Rosa Mota:
"Foi bom. Fomos ao Sr. Provedor e cantámos lá para ele e todos os que lá estavam. É uma atividade de que todos gostam."

Grupo do Lar de Terceira Idade junto do Sr. Provedor

A este cumprimento da tradição do "Cantar as Janeiras", a Confraria da Nossa Senhora da Lapa, o Rancho Folclórico de Danças e Cantares de Modivas e o Grupo Folclórico dos Pescadores das Caxinas e Poça da Barca também se juntaram a nós, para animarem os nossos utentes e desejarem votos de bom Ano Novo. Aos três grupos agradecemos o convívio e boa disposição proporcionados, bem como por continuarem a manter esta tradição junto da nossa população.

CARNAVAL – DIA 4 DE MARÇO DE 2019

O Carnaval é a comemoração em que prevalece a animação e a alegria. No Lar de Terceira Idade, tal não podia ser diferente. No dia 4 de março, realizámos um desfile de máscaras. Os concorrentes eram compostos pelos colaboradores e o Júri, claro está, os nossos utentes que tiveram a árdua tarefa de decidir qual o vencedor. Com a música a tocar, os concorrentes desfilaram ao mesmo tempo que se lançavam confettis e serpentinas. Decidido o vencedor (fantasia de bebé), passámos ao momento de os utentes desfilarem com as suas máscaras (elaboradas na atividade "Trabalhos Manuais"), ao som da música carnavalesca. Esta celebração finalizou com um baile que envolveu todos os que estavam presentes neste momento.

Utente D. Albina Faria:
"Gostei muito! Estavam todas muito bonitas (as colaboradoras)!"

Um dia muito animado entre os mascarados

DIA INTERNACIONAL DA MULHER – DIA 11 DE MARÇO DE 2019

O Dia Internacional da Mulher é uma celebração que dirige a sua atenção às senhoras e, como tal, também no Lar de Terceira Idade nos dirigimos a elas (utentes). Assim sendo, para marcar esta data foi improvisado numa das nossas salas de convívio um "Salão de Beleza" onde se realizou o tratamento de unhas (pintura) e cabelos (penteados). Foi uma tarde bastante agradável, recheada de "mimos" e boa disposição.

Utente D. Maria Santos Silva:
"Eu gostei. Arranjei o cabelo de maneira diferente. Fiquei mais bonita!"

Dia da Mulher cheio de "mimos" para as utentes

DIA INTERNACIONAL DA ATIVIDADE FÍSICA – 5 DE ABRIL DE 2019

No dia 5 de abril, comemorámos o Dia Internacional da Atividade Física. De forma a assinalar a data, convidámos um grupo de crianças da Casa da Criança, com idades compreendidas entre os 4 e os 5 anos para participarem numa aula de ginástica com os utentes. Aqui foram realizados diversos exercícios que proporcionaram a interação entre as crianças e os utentes. Esta foi uma manhã de muita animação e exercício físico! O convívio intergeracional foi benéfico para ambas as partes.

Utente D. Teresa Duarte:
"Gostei, gostei. Foi bom terem vindo cá (as crianças). Até veio o meu neto. Correu muito bem."

Crianças e idosos juntos para atividade física

PÁSCOA – 10 de ABRIL DE 2019

A "Páscoa" é uma celebração deveras importante para os utentes, devido à sua componente religiosa.

O Lar de Terceira Idade comemora esta festividade anualmente, com uma Celebração Eucarística seguida de um Almoço a preceito. A Eucaristia foi presidida pelo Rev. Sr. Prior Padre Paulo César e teve uma participação ativa de alguns utentes no ofertório solene. No Almoço marcaram presença utentes, convidados e o Sr. Provedor, sendo este um momento caraterizado pela confraternização entre todos.

Utente D. Palmira Lobo:
"A missa estava muito bem organizada. Depois foi o almoço que também correu muito bem. Tudo me agradou muito."

Eucaristia e almoço promovem a confraternização

CASCATA DE SÃO JOÃO

O mês de junho é o mês em que se comemoram também os Santos Populares. Como em Vila do Conde se celebra o S. João e ainda no âmbito do aniversário do Centro, foi lançado um desafio aos nossos colaboradores, através da participação num concurso de quadras alusivas a este santo. Uma das regras para participar no concurso era de que três palavras deveriam fazer parte das quadras: 30 anos, Lar de Terceira Idade e S. João. As quadras vencedoras foram premiadas com prémios previamente estabelecidos.

1.º lugar
30 anos já lá vão
Com muito amor e paixão
No Lar de Terceira Idade
A festejar o nosso São João.
Autor: Maria de Fátima Azevedo Campos

2.º lugar
Ó meu rico S. João
Estamos em mês de celebrar
Que este Lar de Terceira Idade
Mais 30 anos volte a contar.
Autor: Ana Margarida Maia

3.º lugar
Uma quadra eu vou fazer
Neste mês de São João
Ao Lar de Terceira Idade
Pelos 30 anos de dedicação.
Autor: Anabela Novo Marques

Sendo já habitual a participação da nossa cascata no roteiro das Cascatas São-Joaninas, a mesma foi inaugurada no dia 15 de junho e contou com a presença de utentes, do Sr. Provedor, Órgãos Sociais, colaboradores, amigos e convidados. Foi elaborada à entrada do Lar de Terceira Idade e foi construída pelos nossos colaboradores. No momento da inauguração foram oferecidos manjericos a todas as pessoas que estavam presentes. Nos manjericos estavam ainda incluídas as três quadras vencedoras do Concurso.

Cascata de São João do Lar de Terceira Idade

DIA DA FAMÍLIA

No dia 22 de junho, celebrámos o Dia da Família, sendo que este evento foi dedicado aos utentes e aos seus familiares. Para este momento convidámos o "Grupo Folclórico de Danças e Cantares de Modivas" que animou a nossa tarde, proporcionando a todos a oportunidade de dançar e cantar com o grupo e em família. Seguiu-se o bolo e lanche ajantarado para finalizar a festa num ambiente de descontração.

Grupo Folclórico de Danças e Cantares de Modivas

Serão ainda levadas a cabo no 2.º semestre de 2019 outras atividades no âmbito da comemoração dos 30 anos do Lar de Terceira Idade.

Utente Sr. José Teixeira:
"Foi uma obra muito boa (a construção do lar de idosos), a favor da comunidade e continua em desenvolvimento o que é bom para nós. Só podemos dizer bem. O meu voto é que venham mais bons anos, como os que passaram. Só posso dizer bem."

Utente D. Palmira Lobo:
"Eu estou há pouco tempo (no lar de idosos), mas estou muito contente com o que vejo. Parabéns a todos os colaboradores e que continuem assim."

Centro de Apoio e Reabilitação para Pessoas com Deficiência

Janeiro – Destaques:

Auditoria Interna ao nosso Centro:
O sistema geral da qualidade, em vigor no nosso Centro, tem sido um instrumento fundamental na melhoria contínua da qualidade de vida dos nossos utentes, uma vez que privilegia a coesão de energias e estratégias, que dão sentido ao projeto de todos, onde cada um sabe a importância do seu contributo.

Dia da Magia

Quem não se deixa fascinar por truques de magia? Ela encanta miúdos e graúdos. Por isso, hoje, o nosso mágico de serviço, também nos deixou boquiabertos com os seus truques 'inexplicáveis'! Os truques eram tão rápidos, mesmo à nossa frente… e a magia acontecia para espanto e felicidade de todos.

Aprender a fazer magia

Este mês também se jogou Futsal em Oliveira de Azeméis

Fevereiro – Destaques:

Festa da Luz do "Movimento Fé e Luz"

Alguns dos nossos utentes pertencem ao movimento 'Fé e Luz' de Vila do Conde, participando em todas as atividades e reuniões mensais. Adoram, diga-se. Hoje levaram a mochila e, cheios de entusiasmo, foram participar na 'Festa da Luz', que decorreu em Arrifana! Foi mesmo espetacular! E, quando chegaram, não paravam de contar e repetir as novidades! Até já as sabemos de cor, e tudo…

Dia Mundial da Rádio

Já tínhamos dito aos leitores da Revista Santa Casa quanto os nossos utentes gostam da rádio? Pois é… eles são fãs Nº1 da rádio! Até temos uma rádio com emissões internas: a Rádio Touguilândia! Com esta paixão, imaginem como é vivido este dia… A emissão interna é preparada com requinte e profissionalismo. Não acreditam? Venham assistir…

Rádio Touguilândia em força no Dia Mundial da Rádio

Fevereiro também foi tempo para natação em Felgueiras

Março – Destaques:

Dia Internacional da Mulher

As mulheres são seres extraordinários, forças da natureza singulares e sabem cuidar como ninguém! Desta forma, prestámos a homenagem devida às Mulheres, sabendo da sua importância na sociedade e no nosso Centro: nós homens, preparámos e oferecemos um "miminho" merecido. Agradecemos a todas as Mulheres a paixão pela arte do cuidar… que faz toda a diferença.

Via Sacra ao Vivo

"Missão em Esperança"

Nos últimos anos, esta atividade tem esgotado rapidamente os bilhetes para o Teatro Municipal de Vila do Conde, assim como o Espaço *Vita* de Braga. Todos os que assistem a esta encenação ficam maravilhados! Não acreditam? Reservem já os vossos bilhetes e preparem-se para ver artistas com alma, com fé e muita arte.

Via Sacra ao Vivo traz aos palcos um elenco inclusivo de utentes e colaboradores

Boccia em Espinho foi outra das atividades de Março

Abril – Destaques:

Festa da Páscoa no Centro

A Festa da Páscoa é a mais importante dos cristãos; por isso, preparámo-la com muito empenho. Este ano, para que as famílias pudessem participar, celebrámos a Eucaristia na parte da tarde, encenando todos os momentos, com a ajuda de vários personagens: Jesus, Judas, Pedro, os outros discípulos, Maria Madalena… As famílias ficaram encantadas e os utentes vibraram. Foi um pedacinho de céu.

Esta Eucaristia especial contou com encenações

Festa da Flor

A Festa da Flor é uma atividade emotiva que homenageia a nossa saudosa animadora Cristina que tanto amor, dedicação e alma deu a este Centro. Sabemos que os amigos são como as estrelas… pois nem sempre os vemos mas sabemos que estão sempre lá… por isso, agradecidos, saudosos, prestámos esta homenagem a alguém que sentimos que está sempre presente no nosso meio!

A Festa da Flor, repleta de emoção e homenagem

Maio – Destaques:

Espetáculo "Um Outro Olhar"

Desde a primeira edição, em 2003, participámos neste espetáculo, realizado no Teatro Municipal de Vila do Conde, tão apreciado pelos utentes e pelo público, que aplaude sempre a nossa atuação com uma salva de palmas, de pé. Como o ano passado, levámos ao palco uma peça que sensibilizou a comunidade para a preservação ambiental. Todos ficaram maravilhados e já temos convites para representar a peça em várias escolas.

Preservação ambiental foi tema da peça este ano

Atividades Desportivas

O desporto é levado muito a sério pelos nossos utentes. Estão filiados em duas associações de desporto nacional e federados em 9 modalidades. Têm conseguido resultados surpreendentes, graças ao empenho, perseverança e trabalho conjunto com os treinadores. A vitrina dos troféus já está a rebentar pelas costuras… e é de fazer inveja a muitos clubes!

Ténis de mesa foi uma das várias atividades desportivas

Junho – Destaques:

Visionamento do filme "Campeões" no cinema Alameda

Existem muitos relatos de superação, heroicidade e mérito em relação às pessoas com deficiência. O filme "Campeões" é mais um relato extraordinário desta realidade. Fomos convidados a visionar este filme no cinema Alameda (Porto), antes da sua estreia. Ficámos de coração cheio porque todos os dias assistimos a histórias brilhantes dos nossos utentes.

Dia do Peregrino

A fé, também, é levada muito a sério por parte dos nossos utentes. Neste dia do peregrino, colocámos a mochila às costas e partimos em direção ao Monte S. Félix, numa peregrinação ao Santuário de Nossa Senhora da Saúde. Não deu para ganhar bolhas nos pés, mas deu para encher a mochila de alegria e muita vontade de repetir a atividade.

NOTA:

Muitas outras atividades se realizaram no nosso Centro neste semestre. Todos elas só foram possíveis pela arte do cuidar dos nossos colaboradores, pela sua dedicação exemplar que faz a diferença todos os dias! Obrigado pelo vosso profissionalismo inigualável.

Sérgio Pinto

O Dia Olímpico também foi celebrado em Junho

Casa da Criança

Em janeiro de 2019, iniciava-se um novo ano e neste período é tempo de reflexão sobre o que queremos fazer, o que já fizemos e se estamos no caminho certo para atingir os objetivos propostos no início do ano letivo 2018/2019. A certeza é de que tudo foi feito na perspetiva de proporcionar a todos os utentes da Casa da Criança, experiências, visitas e atividades que assegurem mais conhecimento e aprendizagens para que no futuro se tornem uma mais-valia para os mais pequenos.

A Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde inaugurou recentemente o CIMMVC (Centro Interpretativo de Memórias da Misericórdia de Vila do Conde) onde procura divulgar à Comunidade o património sociocultural, assistencial e caritativo da Instituição com mais de 500 anos de existência. Os utentes da Casa da Criança visitaram o espaço, onde foi possível observar algumas exposições sobre a história da instituição, as catorze obras da Misericórdia e o arquivo histórico.

Exposição de presépios "Memórias de um Nascimento"

Hora do Conto de Natal no CIMMVC

Porque não achamos de mais relembrar às crianças os cuidados a ter com o nosso meio ambiente que passa pela reciclagem do lixo, a preservação do meio ambiente, a importância da água nas nossas vidas, entre outros, recebemos a visita de um técnico da Empresa "INDAQUA" que realizou uma ação de sensibilização para as crianças, relativa ao tema "A água". Realizaram-se experiências, esclareceram-se dúvidas e o dia terminou com alguns trabalhos de expressão plástica alusivos ao tema.

Indaqua dinamizou ação de sensibilização sobre a água

Aprender a importância da reciclagem

A alimentação e os cuidados que devemos ter com a mesma são cada vez mais importantes nos nossos dias, pois sabemos o quanto influencia a nossa qualidade de vida e como podemos prevenir doenças, caso esta seja equilibrada e saudável. Com o intuito de passar esta mensagem, a Dra. Daniela Vareiro, nutricionista da SCMVC, tomou a iniciativa de realizar um *Workshop* com o tema "Dieta mediterrânica". Foi possível provar novos sabores e texturas, assim como adquirir novos conhecimentos sobre esta temática. "O saber não ocupa lugar".

Dr.ª Daniela Vareiro ensinou utentes e familiares sobre a Dieta Mediterrânica

Foi possível experimentar novos sabores e texturas

O carnaval é sempre aquela festa que fascina qualquer criança. Ser possível num dia vestir a pele do meu super-herói, do meu desenho animado preferido ou do meu ídolo, irá transportar-me para o mundo da fantasia onde por vezes tão bem sabe estar…neste dia tudo é possível, basta a imaginação querer.

Carnaval dá liberdade para encarnar os nossos ídolos

Como já tem sido habitual e porque o tema assim o exige, nunca é de mais abordar o tema "Maus Tratos na Infância": Esta iniciativa tem como principais objetivos promover os direitos das crianças, as relações de proximidade, de afeto e uma parentalidade positiva entre pais e filhos assim como sensibilizar a comunidade em geral para a importância da prevenção dos maus-tratos na infância e juventude e o que fazer para evitar os mesmos. A entrega de pulseiras azuis a todas as crianças, o estendal dos afetos e ação de sensibilização sobre os maus tratos foram algumas das ações programadas.

Abril é mês da prevenção dos maus-tratos na infância

Dia 4 de junho inesquecível para todos…festejámos o dia Mundial da Criança, o dia da Família, brincámos nos insufláveis, ouvimos uma história contada pela D. Laura da Biblioteca Municipal de Vila do Conde, tivemos a companhia de um familiar no lan-

che, a Professora Rita realizou alguns jogos e fez com que todos se mexessem na aula de zumba e, por fim, a Dra. Daniela Vareiro (nutricionista) realizou um *show-tasting* em que os familiares das crianças tiveram que adivinhar com os olhos vendados, que alimento estavam a saborear…

E com isto terminou mais um ano letivo…Boas férias para todos!

D.ª Laura da Biblioteca Municipal contou uma história às crianças

Aula de Zumba da Prof.ª Rita fez mexer toda a gente

Show-tasting realizado pela Dr.ª Daniela jogou com os sentidos para realçar o paladar

Pais tiveram que adivinhar que alimento estavam a saborear sem o poder ver

Centro Social em Macieira

Começámos o ano com um dia aberto às famílias. Cada sala recebeu os pais dos seus meninos e juntos brincaram, pintaram, tiraram fotografias e muito mais… Dos mais pequeninos aos mais crescidos, todos adoram receber os pais na sua sala e com eles partilhar o seu dia e as suas brincadeiras!

Várias atividades no dia aberto às famílias

Foi com grande colorido que as crianças do Jardim de Infância participaram no desfile de Carnaval, fazendo onda nas ruas de Macieira. Pais, familiares e outros populares juntaram-se no Largo de Vilarinho para verem passar os foliões. Ninguém ficou indiferente aos animais marinhos que passavam.

Desfile de Carnaval percorreu as ruas de Macieira

A Primavera chegou e com ela veio também o nosso Mercadinho! Houve doces, cachorros, pão com chouriço, frutas e legumes para todos. Não faltou a música nem as pinturas faciais. As crianças convidaram, e os pais e amigos aderiram com entusiasmo.

Mercadinho da Primavera trouxe comes e bebes...

...e também música e pinturas faciais!

A propósito do Dia da Saúde, a equipa multidisciplinar preparou uma caça ao tesouro para os meninos de Jardim e CATL. Organizaram-se em grupos de diferentes idades e pelos espaços do Centro seguiram as pistas e responderam aos desafios de uma vida saudável.

No Dia da Família animação e boa disposição não faltaram. Os pais foram convidados a participar numa gincana com os seus filhos. De carrinho de bebé, às cavalitas ou com os pés atados todos, se divertiram a realizar as brincadeiras propostas. Seguiu-se depois um lanche convívio, num ambiente de partilha e amizade.

Todos se juntaram no Dia da Família

Várias atividades envolveram as famílias

"O Passeio de Finalistas foi realizado no último dia do mês de Maio, com destino a Viana do Castelo. De manhã, foi possível conhecer a fábrica de chocolate, onde foram realizadas experiências interativas e se aprendeu a forma como se concretiza chocolate. Houve ainda lugar para uma visita guiada ao Navio Hospital Gil Eanes, almoço no shopping de Viana e, no período da tarde, brincadeiras no parque de insufláveis "Color Party". Foi uma experiência muito positiva para colaboradores, pais e crianças!"

Ed. Cristiana Costa

Muita animação no Passeio de Finalistas

O Dia Mundial da Criança não podia passar em claro no Centro! Cedo chegaram os insufláveis e se montaram todas as diversões para trazer mais alegria e colorido a este dia. Os sorrisos rasgados e as gargalhadas de diversão não faltaram nos rostos de todos.

No Dia Mundial da Criança não podiam faltar insufláveis

Com cheirinho a Santos Populares, os colaboradores organizaram e ensaiaram com afinco marchas de S. João que apresentaram às crianças e utentes do SAD. Foi grande a dedicação e o empenho de todos na realização desta atividade. Roupas, arcos e música, tudo preparado com cuidado e atenção. Seguiu-se um lanche convívio entre todos.

Educadora Ana Loureiro

Crianças e utentes do SAD uniram-se para festejar o S. João

As marchas encantaram ambas as gerações

Centro Rainha Dona Leonor

Ano após ano, tentamos inovar e diversificar as atividades oferecidas pelo nosso centro aos nossos residentes e a quem nos visita; neste caso, os familiares. Para esse efeito as atividades calendarizadas são alteradas conforme o calendário anual e são criadas atividades extras para que os residentes usufruam de momentos de animação, socialização, convívio, cultura, exercício físico e estimulação cognitiva, aspetos fundamentais para um envelhecimento saudável e ativo. Os passeios tornam-se prazerosos e muitas vezes autênticas aulas de História da Arte, com a participação de alguns dos nossos residentes. Este ano não deixámos passar em branco o Dia de Portugal, com uma homenagem a dois dos escritores e poetas que mais elevaram o nosso País além-fronteiras, numa sessão em que se cantou o hino e se fez ouvir a biografia e literatura de Luís Vaz de Camões e Fernando Pessoa.

De seguida, vamos enumerar apenas algumas das atividades realizadas ao longo do semestre:

MARÇO

Dia Internacional da Mulher

"*Mulher*
Um aroma suave
Exalou das mãos do Criador,
Quando seus olhos contemplaram
A solidão do homem no jardim!
Foi assim:
O Senhor desenhou
O ser gracioso, meigo e forte,
Que Sua imaginação perfeita produziu.
Um novo milagre:
Fez-se carne,
Fez-se bela,
Fez-se amor,
Fez-se na verdade como ela quer!
O homem colheu a flor,
Beijou-a, com ternura,
Chamando-a, simplesmente,
Mulher!"

Ivone Boechat

Atividade do Dia Internacional da Mulher

ABRIL
Celebração da Páscoa 2019

Chegou o tão desejado dia!

Jesus iria ressuscitar e não cabíamos em nós de contentes.

Aleluia! Aleluia!

Jesus estava entre nós.

Ajudados pela Animadora D. Elisabete, começámos o dia a fazer o último ensaio de cânticos que iríamos cantar na Missa. A azáfama e a alegria eram grandes e tudo o que se ia passando provocava expectativa em nós. Nada foi esquecido. No Atelier, orientadas pela D. Elisabete, fizemos um coelhinho em lã e vários ornamentos dedicados ao dia, para oferecer a todos os residentes e convidados.

As mesas, enfeitadas com coelhinhos, tornaram-se alegres e toda a sala respirava um

ambiente de paz e devoção.

No final vieram os discursos alusivos ao principal assento do dia.

Ressurreição do Senhor! Aleluia! Aleluia!

Para nós residentes, e toda esta casa, foi um dia em cheio de felicidade, bem-estar e tranquilidade. Jesus estava connosco.

Prof. Ofélia Guimarães

Eucaristia de Páscoa, presidida pelo Rev. Prior Padre Dr. Paulo César Dias

MAIO

Dia da Família

Hoje há dias comemorativos de todos e de tudo o que a sociedade considera mais relevante e digno de ser celebrado. Assim, também nós comemorámos o Dia da Família, célula fundamental da vida humana, onde nascemos e nos foram dados os valores que foram norteando a nossa vida.

Também aqui, nesta casa e debaixo do mesmo teto, onde agora pelas diversas situações da idade ou da doença, formamos uma família alargada.

Reunidos todos, ou pelo menos os que puderam, e com a presença dos nossos familiares, celebrámos este dia. Foi uma tarde reconfortante de convívio que deu para nos conhecermos melhor uns aos outros.

A tarde decorreu entre jogos em que também participaram os nossos familiares e terminou com um saboroso lanche.

Peçamos a Deus para que, neste mundo tão conturbado, haja Paz e Amor nas Famílias e onde, como Jesus, todas as crianças possam crescer em idade, sabedoria e graça.

Prof. Maria Pilar Borges Pires

Atividade do Dia da Família uniu residentes e familiares

JUNHO
Dia Mundial da Criança 2019

Encontro geracional entre o Centro Rainha D. Leonor e o Centro Social de Macieira.

Mais uma vez tivemos a satisfação de rumarmos até ao Centro Social de Macieira onde um grupo de crianças dos dois aos nove anos nos esperavam com a alegria e entusiasmo com que sempre nos recebem.

Fomos para lhes contarmos o Conto «A galinha dos ovos de Ouro», mas transformámos a simples leitura numa encenação muito divertida e num convívio cheio de humor e amizade.

Foi uma manhã talvez, para eles, muito feliz, mas que, para nós, foi de certeza mais ainda.

Conclusão: Duas gerações tão distintas continuam a encontrar-se em perfeita harmonia!

Dra. Amélia Rothes

Residentes deram vida ao conto através duma encenação

Cantorias animaram o regresso

Passeio Anual

Foi uma boa aposta, o convívio entre valências desta Instituição. Os residentes do CRDL juntaram-se aos utentes do Centro de Dia do Lar de Idosos numa viagem até ao Santuário de Fátima.

A nossa chegada culminou com a Eucaristia na Capela das Aparições, onde a fé, o sentimento e a devoção tomaram conta de nós. Lugares mágicos têm esse efeito sobre as pessoas, onde todos se sentem irmãos na fé.

O almoço foi em amena cavaqueira seguido de música tocada com alegria por um Padre de Fafe e o seu acordeão, com direito a bailarico. Foi organizada uma visita guiada à Basílica Nossa Senhora do Rosário.

O regresso foi animado. Em parte do caminho as cantorias acompanharam-nos e assim chegou ao fim mais um passeio a um local mágico e de devoção.

Animadora Elisabete Silva

Centro Prof. Doutor Jorge de Azevedo Maia

Iniciámos o ano com uma visita à Aldeia Natal do CARPD. Fizemos bombons de chocolate, pinturas faciais, dançámos, usufruímos dos insufláveis e ainda tivemos tempo para confraternizar com os colegas de lá.

André a mostrar os seus dotes de cozinheiro na Aldeia de Natal

E porque devemos aproveitar o ar livre sempre que possível, mesmo sendo inverno, fizemos um piquenique no Parque João Paulo II, com direito a caminhada e a brincadeiras.

Aproveitar o sol de inverno no parque da cidade

No mês de fevereiro, a Padaria Ramos e Ferreira recebeu-nos para nos mostrar como é feito o pão que consumimos diariamente. Para além dos vários tipos de pão, pudemos ver a zona da pastelaria, onde faziam um bolo de aniversário e os bolos individuais para venda. Diga-se que nos deixou a todos de água na boca…

Será que podemos provar?

Celebrámos também o 5º Aniversário do Centro, com direito a um *Peddy Paper*, onde se defrontaram saudavelmente equipas formadas por utentes e colaboradores, proporcionando momentos de convívio e fortalecimento de laços entre todos.

Henrique e sua equipa concentradíssimos

O carnaval, já no mês de março, brindou-nos com uma espetacular tarde de "*Lip Sync Fajozes*", com utentes e colaboradores a interpretarem os seus cantores favoritos. Música e muita diversão à mistura, só poderia resultar em felicidade para os nossos utentes.

Equipa da Tarde a representar as Doce - Carnaval

Disfrutámos ainda este mês de um fantástico espetáculo equestre na Feira Anual da Trofa, evento agropecuário de grande relevo no norte do país, onde os utentes contactaram com os vários animais da feira e as tendas de venda e degustação de produtos tradicionais.

Rúben e André numa pausa para a foto - Feira da Trofa

No mês seguinte, chegou a Páscoa…e a segunda-feira que se lhe segue, é sinónimo de piquenique, desta vez realizado em Santo Tirso, junto ao Santuário da Nossa Senhora da Assunção. Mais um momento de lazer e convívio de onde se guardam boas memórias.

Belas vistas de santo Tirso - 2ª Feira de Páscoa

E já com um dia mais soalheiro, ainda em abril, fomos à Trofa, ao Parque Nossa Senhora das Dores. Não importa a idade, todos se divertem com este tipo de passeios.

O Francisco a aventurar-se! - Parque da Sra. das Dores

No mês de maio, fomos a Vila do Conde conhecer o Hospital Veterinário, onde fomos muito bem recebidos pelo Dr. Fernando Amorim, tendo-nos mostrado as instalações e explicado como funciona cada zona do hospital. Pudemos ainda assistir à banhoca de uma amiga de 4 patas!

Gatinhos para adoção...queriamos trazê-los a todos para o centro! - Hospital Veterinário

Aproveitámos o bom tempo para um passeio até ao Parque da Cidade da nossa vizinha Póvoa de Varzim. Nada como espaços verdes e boa companhia para descontrair e aproveitar o sol.

À chegada ao parque da cidade da Póvoa de Varzim

O começo do verão brindou-nos com uma sessão de atividade física intensa na Escola Prática dos Serviços, em Beiriz (mais conhecida por Quartel Militar). Uma manhã de treino militar deixou-nos muito cansados, mas de coração cheio pela forma como fomos recebidos e acarinhados.

Todos concentrados nos exercícios - Quartel militar

No final do mês, fomos a Guimarães participar no evento "Todos por uma causa, todos pela deficiência", como já vem sendo habitual. Havia este ano um cariz competitivo no evento, denominado "Jogos sem barreiras"; com a participação de mais de 20 instituições. O nosso Centro acabou por sair vencedor, arrecadando um prémio que permitirá proporcionar um dia diferente (com direito a McDonald's!) a todos os utentes do centro. Não podíamos ter terminado o semestre de melhor forma!

O grupo com o cheque do 1º prémio - Guimarães

CENTRO DE REABILITAÇÃO
PROF. DR. JORGE DE AZEVEDO MAIA
Fajozes